

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO ESPECIAL

HELIANE RAMPASO LUCHINI

**AVALIAÇÃO DE COMPORTAMENTOS ADAPTATIVOS DE JOVENS E ADULTOS
COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL**

SÃO CARLOS

2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO ESPECIAL

HELIANE RAMPASO LUCHINI

**AVALIAÇÃO DE COMPORTAMENTOS ADAPTATIVOS DE JOVENS E ADULTOS
COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL**

Trabalho de Conclusão de Curso, Curso de Licenciatura em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para a obtenção do diploma da Graduação em Educação Especial.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Amelia Almeida

Co-orientadora: Patricia Zutião

SÃO CARLOS

2017

AGRADECIMENTOS

Inicialmente agradeço ao pai, meu Deus, a mãe Nossa Senhora e ao meu amado protetor Santo Antônio, que nunca me abandonaram em momentos de alegria, aflição e algumas vezes de desespero durante toda a minha vida. E peço que o senhor me use de seu instrumento sempre no caminho do bem durante o tempo que me der nessa vida.

Agradeço imensamente a todas as orações realizadas por minha avó, Dona Cidinha “Minha véinha branquela” que eu te amo, te amo, te amo (que acredito ter se tornado meu anjo da guarda). Tenho certeza que essas orações foram atendidas na forma da minha orientadora Maria Amélia e da minha co-orientadora Patrícia.

Muito obrigada a minha Mami Rosinha e meu Papi Pepezão “Meu gordinho”, que tanto trabalharam para dar a melhor educação possível a seus três filhos. Em nossa casa nunca faltou amor, carinho e uma boa discussão a mesa, como uma boa família com descendência italiana. Agradeço por serem o meu farol no caminho do amor, por me ensinarem a plantar coisas boas para que fosse possível colhê-las. E quando me perdia pelos atalhos da vida, vocês sempre me redirecionaram para o caminho do bem, que apesar de ser o caminho mais longo é também o mais gratificante para a alma.

Agradeço meus irmãos por serem as pessoas maravilhosas que são e por todo amor que me dão. Apesar de todas as brigas e discussões, o sangue sempre falou mais alto e sempre nos protegeremos e nos defenderemos com unhas e dentes.

Meu irmão Pepo, que sempre foi tão amoroso e carinhoso comigo e que hoje se tornou um homem que tenho tanto orgulho. Obrigada por você sempre me apoiar e por me dar um pouco desse seu amor gigante que carrega com ai dentro. Você merece o céu e o universo, e sabemos muito bem que você estará lá um dia.

Minha irmã Chris ou “Tata”, que foi minha segunda mãe, amiga e principal confidente, que sempre gostou de voar e abriu os caminhos da vida pra mim e meu irmão, foi ela quem passou as dificuldades da vida e quem mais deu apoio a meus pais para que nossa família pudesse ser o que é hoje. Agradeço a ela e ao meu cunhado David, por me abrigarem durante os primeiros anos de faculdade, e principalmente por me darem a riqueza mais

preciosa que tenho na vida, a Pérola “Péps” minha sobrinha.

A Péps eu agradeço por me tornar a “Nane”, e por despertar em mim um amor tão grande que nunca pensei em sentir. Você é nossa Pérola do sol que ilumina a nossa família, tenho certeza que você veio para nos deixar mais unidos. Te amo muito Princesa!

Agradeço meu namorado Pedro, “meu Amor” que me tornou uma pessoa melhor, que sempre esteve ao meu lado em todos os momentos bons e ruins, que sempre me incentiva a reciclar meus conhecimentos, a estudar, e a buscar ser uma ótima profissional. Agradeço por me fazer tão feliz e por ser o homem com quem estou construindo a minha vida e minha família, Eu te amo Amor!

Agradeço também toda a minha segunda família a melhor sogra do mundo Marilu, Minha irmãzinha que eu amo tanto Cacá, Tia Helô que é uma das melhores pessoas que eu já pude conhecer, tio Ricardo que é tão amoroso, tio Fernando que me deu a oportunidade de ir as paraolimpíadas, ao meu avô do coração Sr. Edgard que eu adoro, a amada tia Aninha, ah a tia Aninha que eu tanto amo e sinto falta cada dia, um anjo que hoje olha por todos nós, o anjo da guarda do meu Amor, que nos deu um começo de vida e um teto sobre nossas cabeças, muito Obrigada “Anacilia” por todo amor que você me deu mesmo que por pouco tempo, mas ainda sinto todo esse amor quando estou na nossa nova casa.

Muito obrigada a minhas amigas de graduação Lininha, Jaque, Helena e Yedinha que foram excepcionais pra que eu chegasse até aqui.

E não poderia deixar de citar minhas amigas/irmãs que a faculdade me trouxe e que vou levar para toda a minha vida Giu e Lari, vocês fizeram da minha graduação muito melhor, a tristeza que tantas vezes eu senti por estar longe da minha família vocês me faziam rir e eu conseguia esquecer o resto. Sou muito grata Tia Edna e a Giu que me acolheram em sua casa por um ano, por todas as noites de conversa e pelo amor tão grande que eu construí por vocês. Lari muuuuito obrigada por sempre me ajudar a colocar meus trabalhos nas normas da ABNT!

Agradeço também a minhas amigas de infância que me apoiam desde que perdi meu primeiro dente de leite, Nat, Guerra, Cants, Izinha e Ericão. Eu amo muito vocês.

À Professora Maria Amélia, “Mamé” sou muito grata por todo amor e carinho com que me tratou durante toda a execução desse trabalho. E ao final dele quero muito lhe dar um grande abraço e dizer o quão importante é para minha formação profissional e pessoal, pois a senhora além de ser uma das pessoas mais inteligente que eu já tive o prazer de conhecer, também é uma das pessoas mais espiritualizadas e boas que Deus colocou em meu caminho, sendo desse seu jeitinho só poderia atrair pessoas boas como a Patricia, Gra, Iasmin e Lídia.

Sou muuuuito grata a minha co-orientadora Pat por ter se tornado uma grande amiga e por ter me ensinado tanto durante toda a pesquisa, por me puxar a orelha quando necessário e por ter acreditado que eu seria capaz de atingir os objetivos até mesmo quando nem eu acreditava.

Agradeço a Iasmin por ter começado essa pesquisa como minha co-orientadora mesmo em pouco tempo você conseguiu me ensinar muito e por ter aceitado meu convite para fazer parte da banca desse trabalho.

Agradeço a Professora Lídia, por ter ido até a instituição no dia que fizemos a reunião pra que fosse explicada a pesquisa, é alguém que sempre tive muita admiração durante toda a faculdade, com certeza uma das professoras com quem mais aprendi, e também agradeço por aceitar fazer parte da banca desse trabalho.

Agraço muito a Gra, que me deu a oportunidade de participar de um projeto tão lindo quanto o “Avança Down” e a todos que também participam dele tem o meu “Muito Obrigada”!!

Muitíssimo obrigada a toda equipe da instituição que se mostrou muito solícita durante toda a pesquisa, as responsáveis pela instituição sempre estavam à disposição para tirar duvidas até mesmo durante suas férias.

Toda a equipe da instituição aparentava felicidade e satisfação em participar da pesquisa e os alunos sempre me recebiam com muita alegria, o que me fez sentir muito a vontade para conversar e conhecer melhor os participantes da pesquisa.

Agradeço especialmente a coordenadora que sempre me recebeu com tanto carinho na

instituição e quando a procurava por telefone ou mensagem me recebia com o mesmo carinho. É uma pessoa especial e que acredita na Educação Especial. Muito Obrigada por todo o seu carinho e saiba que sinto o mesmo por você.

RESUMO

Os objetivos deste estudo foram (a) avaliar os níveis de intensidade de apoio nas áreas adaptativas de jovens e adultos com deficiência intelectual e (b) Salientar a importância da avaliação para o planejamento educacional individualizado. Participaram do estudo, 20 jovens e adultos com deficiência intelectual associada ou não a outras deficiências, alunos de uma instituição especializada e com faixa etária entre 16 e 60 anos e duas professoras. A pesquisa foi realizada em uma instituição especializada, localizada em uma cidade de pequeno porte no interior do estado de São Paulo. Foram utilizados como instrumentos a Escala de Intensidade de Suporte (SIS) e um diário de campo. A aplicação dos instrumentos ocorreu em uma sala da instituição, previamente reservada e que, só ficavam presentes a pesquisadora, uma professora e um aluno. Realizou-se análise qualitativa, por meio dos dados do diário de campo e, quantitativa da Escala SIS, conforme indicado no manual do aplicador. Com os resultados foi possível observar que os alunos avaliados apresentam níveis baixo e intermediário de apoio e que, a área adaptativa que mais necessitam é a de “Aprendizagem ao Longo da Vida”. Alguns alunos, apresentaram maior intensidade de apoio, por terem necessidades médicas e comportamentais, como por exemplo, o uso de sonda para alimentação. Por meio dos resultados objetivos, se sugere que novos estudos sejam realizados, com o intuito de planejar e implementar intervenções com os jovens e adultos com deficiência intelectual para o ensino de habilidades adaptativas. A avaliação da intensidade de suporte auxilia no conhecimento das habilidades do aluno, pois demonstra o que ele faz sem apoio e, o que ele ainda necessita de apoio, bem como qual tipo e frequência desse apoio. Sendo assim, se considera de suma importância que ela seja aplicada e, que seu uso seja voltado para planejamento, criando oportunidades de aprendizagem e aumento de independência e autonomia.

Palavras-chave: Educação Especial. Deficiência intelectual. Avaliação. Comportamento Adaptativo.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1. HABILIDADES ADAPTATIVAS	13
TABELA 2. ALUNOS PARTICIPANTES	24
TABELA 3. PROFESSORAS INFORMANTES	25
TABELA 4. RESULTADO DOS JOVENS/ADULTOS DA SALA 1 NA ESCALA SIS.....	31
TABELA 5. RESULTADO DOS JOVENS/ADULTOS DA SALA 2 NA ESCALA SIS.....	33
TABELA 6. RESULTADO DOS JOVENS/ADULTOS DA SALA 3 NA ESCALA SIS.....	35
TABELA 7. NÍVEIS DE SUPORTE E DEFINIÇÃO	Erro! Indicador não definido.
TABELA 8. PONTUAÇÃO GERAL DOS ALUNOS, COM INDICAÇÃO DA MÉDIA POR ÁREA.	41
TABELA 9. ATRIBUTOS DO PLANEJAMENTO CENTRADO NA CENTRADO NA PESSOA.	Erro! Indicador não definido.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1. GRÁFICOS DE RESULTADOS DE TODOS OS ALUNOS NA ESCALA SIS40

LISTA DE SIGLAS

AAIDD - Associação Americana de Deficiência Intelectual e Desenvolvimento

AAMR -- American Association on Mental Retardation

A—Aluno

CID 10 –Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde

CFN -- Currículo Funcional Natural

DI -- Deficiência Intelectual

DSM-V - Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais

E.F- Ensino Fundamental

EJA- Educação de Jovens e Adultos

E.M- Ensino Médio

F—Frequência

FEM- Feminino

<IS-- Menor Intensidade de Suporte

>IS-- Maior intensidade de Suporte

Libras –Língua Brasileira de Sinais

MAS- Masculino

PAEE – Público Alvo da Educação Especial

P—Professora

PEI- Planejamento Educacional Individualizado

PEP-DI -- Programa Educacional para profissionais que trabalham com jovens e adultos com
DI

QI-- Quociente de Inteligência

SIS-- Escala de Intensidade de Apoios

TDA —Tempo diário de Apoio

TA – Tipo de Apoio

UFSCar – Universidade Federal de São Carlos

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
1.1 DEFINIÇÃO DE DEFICIENCIA INTELECTUAL.....	11
1.2 ESCALA DE INTENSIDADE DE SUPORTE-SIS	Erro! Indicador não definido.
1.3 PLANEJAMENTO EDUCACIONAL INDIVIDUALIZADO-PEI.....	15
1.4 TRABALHOS QUE FUNDAMENTARAM ESTA PESQUISA.....	16
2.OBJETIVO	22
3. MÉTODO.....	23
3.1 PROCEDIMENTOS ÉTICOS.....	23
3.2 PARTICIPANTES	23
3.3 LOCAL.....	25
3.4 MATERIAIS E EQUIPAMENTOS	27
3.5 INSTRUMENTOS	27
3.6 PROCEDIMENTO DE COLETA.....	29
3.7 PROCEDIMENTO DE ANÁLISE DE DADOS	30
4. RESULTADOS.....	30
4.1 RESULTADO DA ESCALA DE INTENSIDADE DE APOIO – SIS POR SALA DE AULA.....	31
4.2 RESULTADOS GERAIS DA ESCALA SIS DEMONSTRADOS EM GRÁFICOS INDIVIDUAIS	37
4.3 ORIENTAÇÕES PARA OS PLANEJAMENTOS DOS PROFESSORES COM BASE NOS RESULTADOS DA ESCALA SIS	44
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
REFERÊNCIAS	49
ANEXOS	53

1. INTRODUÇÃO

1.1 DEFINIÇÃO DE DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

Há mais de um século vem se discutindo a deficiência intelectual – DI. Segundo Almeida (2004) de 1908 até os tempos atuais essa deficiência teve suas diferentes definições publicadas as quais foram sendo modificadas de acordo com o pensamento social de cada época, estando relacionada à religiosidade, malignidade, incapacidade e demandas sociais.

Cirilo (2008) expressa que não existe a possibilidade de se pensar na terminologia e conceituação de deficiência intelectual sem situá-la no contexto social e cultural imediato no qual se encontra.

Assim como ele, Bueno (2004) também discute sobre a mudança terminológica, e acredita que essas não indicam uma maior e melhor compreensão das pessoas com deficiência por parte daqueles que com elas interagem, e cita também que a mudança de termos está mais ligada à realidade e necessidade histórica.

Em 1992, com a Associação Americana de Retardo Mental - AAMR mudou a definição de DI, retirando o foco que se tinha nos graus de comportamento dando a devida atenção às necessidades que esses indivíduos apresentam (SILVEIRA, 2013).

Segundo Boueri (2014), as definições de DI utilizadas no Brasil, tem por base a visão médico-clínica com suporte na origem da deficiência, como por exemplo, o Código Internacional de Doenças CID-10 de 1993 e o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais DSM-V (APA, 2014), não mais o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM- IV (APA, 1995), como salientado por Zutião (2016).

A denominação deficiência “mental” era muito utilizada nos meios acadêmicos e científicos (PAN, 2008). Para Pessoti (1984) essa denominação focalizava a insuficiência, incapacidade e limitação. Atualmente o termo utilizado é deficiência intelectual, uma das mudanças ocorridas entre os manuais do DSM IV (APA, 1995) e as definições atuais trazidas pela Associação Americana de Deficiência Intelectual e do Desenvolvimento - AAIDD (AAIDD, 2010), antiga AAMR e, pelo manual do DSM V (APA, 2014). Outra importante mudança, foi quanto a forma de diagnóstico, a qual começou considerar o funcionamento adaptativo, além do funcionamento intelectual.

A definição de deficiência intelectual que a AAIDD (2010) e o DSM-V (APA, 2014), consideram o funcionamento intelectual e o comportamento adaptativo na avaliação da DI, de maneira a estarem mais em alerta às necessidades de apoio da pessoa.

Assim a AIDD (2010) trás a definição de DI como sendo caracterizada por limitações significativas no funcionamento intelectual e no comportamento adaptativo expressas nas habilidades adaptativas conceituais, sociais e práticas e tem início antes do 18 anos de idade.

Segundo o DSM-V (APA, 2014) para se diagnosticar a pessoa com deficiência intelectual, esta deve ter características fundamentadas em três critérios:

A. Déficits em funções intelectuais;

B. Déficits em funções adaptativas nos domínios conceitual, social e prático, que tem por consequência o fracasso para atingir padrões de desenvolvimento e socioculturais e; C. Início dos déficits intelectuais e adaptativos durante o período do desenvolvimento (DSM-V).

Ainda ao que está descrito pelo DSM-V (APA, 2014), os níveis de DI são separados em leve, moderado, grave e profundo.

Segundo ALMEIDA (2004):

No Brasil, o assunto tem sido pouco discutido. A definição de 1992 foi adotada nos documentos oficiais brasileiros, mas os níveis de suporte não foram discutidos e tão pouco adotados. Durante esses 10 anos, o país continuou utilizando a classificação de deficiência mental baseada em QI (grau de severidade: leve, moderado, severo e profundo), talvez por não dispor de escalas que avaliem comportamentos adaptativos, como aconteceu com a maioria dos estados americanos. Porém, como afirmam Hallahan e Kauffman (2003), a maioria das autoridades na área, concordam que a definição deficiência mental não deve (nem pode) ser baseada apenas nos escores de QI. As definições propostas em 1992 e 2002 discutem exaustivamente a importância das áreas de condutas adaptativas na determinação da deficiência mental. Espera-se que no Brasil, enquanto não dispomos de escalas que avaliem comportamentos adaptativos, que os profissionais da área, ao menos as utilizem em seus “julgamentos clínicos” (p. 45/46).

Sendo assim a pesquisa utilizou a definição de DI da AIDD (2010) e do DSM – V (APA, 2014), tendo em vista que, o foco está no comportamento adaptativo e nas necessidades de apoio das pessoas com DI e, não só no nível intelectual que este se encontra.

A Tabela 1 demonstra as habilidades envolvidas em cada um dos domínios do funcionamento adaptativo, os quais são divididos em: conceitual, social e prático. É importante descrever que limitações nesses comportamentos podem atrapalhar quando se realiza modificações em seu ambiente e em seu dia-dia (ALMEIDA, 2004).

TABELA 1. HABILIDADES ADAPTATIVAS

CONCEITUAL	SOCIAL	PRÁTICA
1. Linguagem (Receptiva e expressiva) 2. Leitura e escrita 3. Conceito de dinheiro 4. Auto direção	5. Interpessoal 6. Responsabilidade 9. Autoestima 8. Ser enganado ou manipulado 9. Ingenuidade 10. Seguir regras 11. Obedecer a leis 12. Evitar vitimização	13. Atividades instrumentais de vida diária 14. Habilidades ocupacionais 15. Mantém a segurança dos ambientes

Fonte: ALMEIDA (2004).

Para realizar tais habilidades adaptativas, a pessoa com DI necessita de apoios, os quais são divididos em quatro níveis (ALMEIDA, 2004; AAIDD, 2010), a saber: “Permanente”, esse é o nível mais elevado de apoio, ou seja, é de alta intensidade e considerado de natureza vital para o aluno; “Amplio” é um apoio assíduo em diversos ambientes sem tempo determinado; “Limitado” um apoio com tempo determinado, de natureza contínua, esse apoio se torna estável com o passar do tempo; “Intermitente” pode ser de alta ou baixa intensidade e ocasional, ou seja, é realizado de acordo com a necessidade do aluno.

Assim, faz-se necessário avaliar o aluno para que possa saber qual a necessidade de suporte que ele necessita. Esse processo é baseado nos desejos que o aluno tem de realizar tais atividades, quais delas ele tem a necessidade de realizar e qual o tipo, nível e tempo de suporte que esse aluno necessitará. Só depois disso, é que se pode e deve, traçar um planejamento para esse aluno (THOMPSON et al., 2004; ANACHE, 2002).

Desde 1980, vem sendo salientado a importância de construir e validar escalas padronizadas para avaliação do comportamento adaptativo, contudo, na época, o julgamento clínico ainda era considerado a melhor opção para diagnóstico (AAMR, 1992).

Na realidade brasileira, não existe nenhum instrumento que avalie todas as áreas adaptativas (ALMEIDA, 2013; ZUTIÃO, 2016). Existem apenas dois instrumentos, que englobam algumas áreas do comportamento adaptativo, o Vineland Social Maturity Scale (Doll, 1935, 1965) e o Progress Assessment Chart (PAC), desenvolvido por Herbert Gunzburg (1963) e adaptado para o Brasil por Olívia Pereira em 1978. Contudo, apesar desses instrumentos estarem disponíveis, pouco são utilizados em instituições, assim a avaliação dos níveis de suporte ficam defasadas e são feitas muitas vezes por meio do julgamento clínico. E, há uma grande necessidade de instrumentos padronizados e validados, para realizar tal avaliação, com o intuito não de rotular, mas sim de auxiliar no planejamento e na visualização

do desempenho das pessoas com DI (ALMEIDA, 2013; ZUTIÃO, 2016).

Com o objetivo de tradução, validação e adaptação da Escala de Intensidade de Suporte – SIS para o Brasil, um grupo de pesquisadores da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar está trabalhando e, atualmente, o instrumento se encontra em processo de validação (ALMEIDA, 2013).

O suporte também conhecido como apoio, é caracterizado pela AAIDD (2010, p.105) por ter como objetivo principal o desenvolvimento do aluno na educação, nos seus interesses, no seu bem-estar e assim melhorar seu funcionamento individual.

A Escala de Intensidade de Suporte – SIS foi desenvolvida para dar resposta às mudanças significativas que vem ocorrendo nos últimos 50 anos no que se relaciona a pessoa com deficiência intelectual, como já vimos anteriormente em cada época e cultura a pessoa com deficiência é vista de uma forma diferente, ela pode estar em meio a sociedade ou em instituições porem poucas vezes eram vistas trabalhando ou como membro ativo dentro da comunidade (THOMPSON et al., 2004).

Atualmente se sabe que as pessoas com deficiência intelectual, quando tem o apoio necessário e oportunidade, podem aprender e realizar atividades funcionais, como trabalhar, estudar, cozinhar (CUCCOVIA, 2003; BOUERI, 2010; ZUTIÃO, 2013; SILVEIRA, 2013; BOUERI, 2014; ZUTIÃO, 2016).

Nota-se que, o reconhecimento das habilidades e as oportunidades para as pessoas com deficiência intelectual se expandiram na última década. Tal situação só foi possível, após anos de luta pelas pessoas com deficiência, seus pais, familiares e demais profissionais da educação especial (MAZOTTA, 2005). Contudo, muitas leis foram escritas, mas se analisar pouco ainda é feito na prática.

As pessoas com deficiência intelectual devem ser tratadas de acordo com a sua idade e, não como “eternas crianças”. Portanto, as redes de apoio, ou seja, pais, familiares, professores, profissionais, etc, precisam fornecer oportunidade e suporte adequado para que elas realizem as atividades e participem de forma ativa na sociedade (THOMPSON, et al, 2004; LEBLANC, 1992).

Hoje com a Escala SIS, antes de se oferecer deve analisar qual o tipo de suporte deve ser dado e se possível diminuir ao máximo o suporte para que essa pessoa se torne o menos dependente possível. Assim podemos perceber que a SIS é um instrumento essencial para que em diversos ambientes sejam realizados os melhores planejamentos para atender as necessidades de apoio das pessoas com DI (THOMPSON, et al, 2004).

Em contraste com outros instrumentos, como Testes de QI, que são utilizados para

medir a inteligência conceitual, as Escalas de Comportamento Adaptativo analisam o padrão de comportamentos adaptativos apresentados pela pessoa com DI, ou seja, as atividades adaptativas aprendidas por elas. A Escala SIS é uma escala que avalia a necessidade e a intensidade de apoio que a pessoa com DI irá precisar para realizar tarefas em diferentes âmbitos.

É importante deixar claro que a SIS não substitui os instrumentos que diagnosticam a condição da Deficiência Intelectual uma vez são usados para tarefas diferentes, mas quando os resultados de cada um desses instrumentos são colocados juntos ao final de uma avaliação, pode-se chegar a um resultado mais preciso e certo para realizar o melhor tipo de planejamento para essa pessoa.

A Escala SIS também auxilia no monitoramento do progresso e trás informações mais específicas e úteis na hora de elaborar um planejamento educacional individualizado. Ou seja, por meio da Escala SIS podemos avaliar o comportamento adaptativo observando os pontos fortes e fracos do aluno com DI, em diferentes áreas para que isso seja trabalhado de forma funcional e com as adaptações necessárias (Zutião, 2013; 2016; Lopes, 2016)

A avaliação deve ter como principal objetivo auxiliar na identificação das necessidades da pessoa e no planejamento do ensino (THOMPSON et al., 2004; ANACHE, 2002).

1.4 PLANEJAMENTO EDUCACIONAL INDIVIDUALIZADO-PEI

Como os resultados da SIS são essenciais, uma vez que trazem subsídios para a elaboração de planejamentos educacionais individualizados que podem ser embasados no Currículo Funcional Natural, uma metodologia que vem mostrando resultados positivos em diversas pesquisas, julgamos importante neste trabalho trazer algumas informações sobre o assunto.

Segundo Tannús-Valadão (2010) o Planejamento Educacional Individualizado deve ser o registro dos conhecimentos do aluno e deve dar a possibilidade de identificação de repertório de partida e de acompanhamento de evolução que seguem em direção às metas estabelecidas, podendo sempre traçar novos os trilhos que devem ser seguidos.

A European Agency (2003) cita o Planejamento educacional individualizado como uma ferramenta que pode melhorar a educação dos alunos com deficiência, e como já foi dito pela autora acima, o motivo dessa melhora é o foco que o PEI disponibiliza para o aluno e suas necessidades.

Para realizar o PEI, são recomendadas quatro fases: envolvimento de diversos agentes da rede de apoio das pessoas com deficiência intelectual, bem como a própria pessoa com DI; avaliação não discriminatória, utilizando a forma de comunicação do indivíduo, como por exemplo, a comunicação alternativa; envolvimento de múltiplos instrumentos, incluindo avaliações informais e instrumentos padronizados, como a Escala SIS e; prever uma avaliação sistemática contínua (TANNÚS-VALADÃO, 2010).

Nesse contexto, Currículo Funcional Natural- CFN é uma das formas de se trabalhar com as pessoas com DI, a qual vem mostrando eficácia, como se pode verificar nos estudos de Zutião (2013; 2016), Boueri (2010; 2014), Silveira (2013) e Cuccovia (2003). Segundo Zutião (2013) o CFN se diferencia dos demais por ter seu foco no aluno, sendo preparado de forma individualizada e baseado na realidade e necessidade desses alunos, com o objetivo de trabalhar conhecimentos que sejam vantajosos em diferentes círculos e que sejam úteis para a vida das pessoas com DI (LEBLANC, 1992).

Para Leblanc (1992) o Currículo Funcional Natural é um meio de ensino organizado que oportuniza aos indivíduos aprender de forma natural as habilidades que são mais importantes para cada um deles, podendo torná-los mais independentes em diferentes áreas da vida social, familiar e comunitária.

1.5 TRABALHOS QUE FUNDAMENTARAM ESTA PESQUISA

A pesquisa buscou avaliar os níveis de intensidade de apoio nas áreas adaptativas de jovens e adultos com deficiência intelectual por meio da Escala SIS.

Serão descritos a seguir trabalhos com foco na avaliação, mas também trabalhos com foco no planejamento e na intervenção. Isso ocorre, pois a autora busca através destas descrições, auxiliar para que futuramente seja feito um planejamento e posteriormente seja realizada uma intervenção. Ou seja, esta pesquisa seria o ponto de partida para outros trabalhos. A seguir, as pesquisas estão aqui descritas em ordem cronológica.

A pesquisa de Cuccovia (2003) teve como objetivo do trabalho- (a) avaliar os níveis de intensidade de apoio nas áreas adaptativas de jovens e adultos com deficiência intelectual e (b) Salientar a importância da avaliação para o planejamento educacional individualizado. O estudo foi realizado no Centro de Educação Ann Sullivan do Brasil e, seus participantes foram dois adultos com Autismo, ou seja, na linguagem de hoje, Transtorno do Espectro do Autismo - TEA, associada a Deficiência Intelectual severa. O CFN individualizado foi organizado em linhas de base operante e de auxílio, e através disso foi possível observar o desempenho do

aluno, que teve um programa elaborado para avaliar e quantificar os interesses e habilidades do aluno e os dois elementos juntos foram criados para que se pudesse ensinar atividades desejadas e atividades úteis para cada aluno, permitindo que esses pudessem fazer suas escolhas tornando-os assim menos dependentes. Assim, foi possível chegar aos resultados, que permitiram observar que os dois participantes tiveram interesse na maior parte das atividades, podendo-se também observar que em relação ao funcionamento geral os dois tiveram uma melhora, ou seja, precisaram de menor suporte em relação as suas performances iniciais, demonstrando também generalização e manutenção do aprendizado para outro ambiente.

Cuccovia (2003) cita algo que na atual pesquisa a autora também busca deixar claro para o leitor, que está relacionado à avaliação de acordo com o nível de suporte que o aluno necessita para efetuar diversas tarefas.

A pesquisa de Boueri (2010) teve como objetivo avaliar a eficácia de um programa educacional com atendentes capacitadas no ambiente de trabalho tendo por finalidade tornar jovens com deficiência intelectual institucionalizados independentes em atividades de vida diária. Tal pesquisa foi dividida em duas partes, a primeira teve como foco a elaboração do Programa Educacional, adaptado de acordo com as eventualidades, dos locais de trabalho dessas atendentes, que buscou amenizar as dificuldades levantadas, e favorecer a mudança de comportamento dos participantes para que as atendentes ensinassem atitudes aos residentes que os tornassem mais independentes. Para tanto, foram realizadas entrevistas e observações com seis atendentes de jovens com deficiência intelectual institucionalizado para identificar as dificuldades enfrentadas no manuseio com residentes e nas atividades desenvolvidas no cotidiano.

Na segunda parte do trabalho de Boueri (2010) participaram cinco jovens com DI institucionalizados e seus atendentes, buscando avaliar os efeitos da introdução do planejamento educacional. A variável independente foi introduzida sequencialmente, de acordo com os critérios pré-estabelecidos de desempenho dos participantes, feitos pela autora. Já a variável dependente foi medida antes, durante e depois do planejamento educacional ser implantado, assim para que fosse validado o controle experimental foi utilizado o delineamento de múltiplas sondagens. O protocolo de registro avaliou o que o aluno já sabia inicialmente e sua mudança durante e depois da capacitação. Os resultados mostraram que as contingências observadas durante a pesquisa podem ser modificadas e fazer com que estejam a favor da aprendizagem das atividades instrumentais de seu dia-dia, tornando-os mais independentes na realização de suas atividades.

O estudo de Silveira (2013) teve como objetivo observar um programa de capacitação domiciliar a cuidadores de adultos com DI, que necessitam de suporte constante, ou seja um apoio que sustenta a vida do indivíduo, para o ensino de habilidades ocupacionais e analisar seus efeitos. Os participantes foram 10 cuidadores de 19 a 78 anos e três adultos com DI com faixa etária de 21 a 31 anos. Utilizou-se o delineamento de linha de base múltipla com diversas sondagens dos comportamentos. O trabalho foi dividido em três partes: a primeira parte buscou a elaboração do programa de capacitação através da coleta dados com os cuidadores. A segunda parte executa o programa de capacitação com os cuidadores e analisa seus resultados sobre eles. E a terceira parte observa quais foram os impactos dessa ação, e se poderia haver uma generalização dos conhecimentos aprendidos para outras áreas. Os cuidadores tiveram uma capacitação prática e teórica para que pudessem ensinar aos adultos com DI, os comportamentos desejados. Os resultados mostraram que em relação às atividades do dia-dia, os alunos realizaram as atividades propostas somente com a utilização das estratégias de ensino certa para esses adultos.

A pesquisa de Zutião (2013) teve como objetivo avaliar a eficácia de um programa elaborado a partir do Currículo Funcional Natural para um adulto com deficiência intelectual, tornando possível conhecer a realidade enfrentada por esse aluno no ambiente escolar e familiar; trabalhar de maneira colaborativa com um professor da instituição de educação especial; elaborar e implantar um programa para ensino de habilidades específicas para um aluno com deficiência intelectual. O estudo foi realizado em uma instituição especializada, com um adulto com deficiência intelectual como alvo. Utilizou-se como instrumento a “Avaliação de Áreas Adaptativas”, na versão americana, a qual foi aplicada com todos os alunos da sala e, auxiliou tanto na seleção do aluno alvo, quanto na escolha das atividades a serem ensinadas. O delineamento de linha de base múltipla intermitente entre atividades foi utilizado como forma de análise, para monitorar as atividades antes, durante e depois do programa. Foram realizadas seções práticas de intervenção para o ensino das atividades de Preparo de Receitas, Lista de Mercadorias, Fazer Compras e Uso do dinheiro, atividades essas selecionadas por meio da avaliação das áreas adaptativas.

Também foi observada a importância de um trabalho colaborativo entre a professora de sala regular e professora de educação especial e o auxílio da família. No caso dessa pesquisa, era a mãe quem dava devolutiva para a pesquisadora sobre as mudanças do aluno. Ao final da pesquisa pode-se perceber que o currículo funcional natural foi de extrema importância para que as atividades fossem feitas de modo que o aluno se encontrasse no centro da aprendizagem. Por fim observa-se a eficácia do programa que obteve o resultado

esperado, auxiliando não só o aluno com DI, mas também todos os outros alunos da sala na aprendizagem, que foi generalizada em outros contextos. (ZUTIÃO, 2013)

A pesquisa de Albernaz, Barros, Castro, Rodrigues, Fernandes (2013) teve como participantes 36 pessoas com Deficiência intelectual, algumas com a DI associada a outras Deficiências, com faixa etária acima dos 16 anos. Destas 36 pessoas, 15 eram alunos de uma escola especial, seis eram participantes de uma ONG, e 16 participantes de uma segunda ONG, todas localizadas no estado do Rio de Janeiro.

A pesquisa teve por objetivo avaliar o nível da necessidade de apoio descritas na Escala SIS dos participantes nas áreas “atividade de vida doméstica”, “atividade de vida comunitária” e “atividades sociais”. Essas áreas estão dentro da Seção 1 da Escala SIS. As entrevistas foram realizadas com os alunos e as pessoas mais próximas a eles, como seus responsáveis.

Os resultados mostram para os familiares respondentes que os dados obtidos por meio da escala SIS, demonstram que seus filhos quando recebem o apoio necessário, podem se tornar menos dependentes. Esse fato trouxe à tona o desabafo de alguns respondentes que diziam ter receio de deixar que os alunos tivessem maior autonomia, por ainda acreditarem que eles eram incapazes de realizar tais tarefas sozinhos. Ao final os pesquisadores descrevem sobre a importância da Escala para avaliar as necessidades de apoio, e elaborar trabalhos em vários ambientes que auxiliem os alunos a se tornarem menos dependentes.

A tese de Boueri (2014) traz a caracterização de instituições residenciais para pessoas com deficiência intelectual no estado de São Paulo- Brasil, e avalia a eficácia do “Programa Educacional para profissionais que trabalham com jovens e adultos com DI” (PEP-DI). A pesquisadora divide sua tese em duas partes e para este trabalho, será descrita somente a segunda parte.

A segunda parte da pesquisa teve como foco a elaboração, implementação e avaliação da eficácia do programa educacional PEP-DI, com a finalidade de verificar os benefícios que ocorreram por meio do programa no meio institucional e as mudanças comportamentais dos profissionais e residentes. Os participantes foram três profissionais de uma instituição residencial e quatro residentes com DI. Foi utilizado o delineamento de múltiplas sondagens entre sujeitos e entre comportamentos para verificar os efeitos da intervenção. Os resultados mostraram que os participantes tiveram grandes alterações em seus repertórios profissionais e os residentes melhoraram o desempenho em sua rotina diária.

Foram encontrados trabalhos que utilizaram a escala SIS como:

O estudo de Zutião (2016) teve por objetivo avaliar a eficácia de um programa para

pais/familiares com a finalidade de favorecer a independência em atividades de vida na comunidade de jovens com Deficiência Intelectual por meio da descrição de rotina destes jovens em seu ambiente familiar e comunitário; e identificar os repertórios iniciais e a ocorrência de mudanças comportamentais dos jovens com DI e seus familiares antes, durante e após a implementação do programa “Vida na Comunidade”. A pesquisa foi realizada em duas cidades do interior de São Paulo, com quatro jovens com DI de idade entre 19 e 29 anos e suas respectivas mães com idade 41 a 63 anos, e aplicada em locais públicos próximos às casas destes jovens. O Delineamento de linha de base múltipla intermitente entre sujeitos foi utilizado para verificar os efeitos da implementação do programa e demonstrar a validade interna, o controle experimental e a manipulação das variáveis do estudo. Os alunos e seus respectivos familiares foram divididos em duplas, e a cada par de duplas foi ensinado um tipo de atividade, que dentre elas estavam: deslocar-se na comunidade e fazer compras. É importante citar a preocupação que a pesquisadora teve em utilizar um material instrucional que foi utilizado de modo a dar auxílio para os familiares quando esta não estivesse presente, esse material foi utilizado também durante as seções teóricas.

A Escala SIS foi utilizada duas vezes durante a pesquisa (ZUTIÃO, 2016), antes do “Programa Vida na comunidade” ser implantado e depois de um ano deste. Assim nos resultados que demonstraram que anteriormente os quatro alunos necessitavam do “Programa Vida na Comunidade” para que pudessem realizar com apoio as atividades. Já na segunda vez que a SIS foi aplicada as necessidades de apoio dos quatro alunos diminuíram bastante não só nos locais trabalhos, podendo-se dizer que foram generalizadas para todos os âmbitos pelos alunos. Pode-se concluir que o “Programa Vida na Comunidade”, pode ser uma alternativa para esses alunos, contribuindo na aprendizagem e aplicação de procedimentos de ensino de atividades funcionais, especialmente na área da vida Comunitária.

A pesquisa de Lopes (2016) teve como objetivo analisar os efeitos do “Programa de Transição para a Vida Adulta no Ambiente Universitário” que tem como finalidade propiciar experiências de aprendizagem para a vida dos jovens com DI. Em seu método a pesquisa foi descrita como experimental e controlou as variáveis dependentes e independentes e analisou as variáveis intervenientes. Para avaliar o programa foi utilizado o delineamento de linha de base múltipla intermitente entre os alunos. Os participantes foram quatro alunos com DI, nove professores de disciplinas específicas, 22 professores das salas regulares e 32 mentores. E o local foi um Centro Universitário localizado em um município de pequeno porte na região metropolitana de Campinas, estado de São Paulo. Os instrumentos utilizados foram, a Escala SIS, para avaliar os níveis de suporte que os alunos necessitavam; Protocolo de Diário de

Campo; Protocolo de Monitoramento de Atividades; Questionário de Validade Social.

Foram realizadas avaliações, por meio da Escala SIS antes, após um ano e ao término da aplicação do Programa Primeiros Passos. Primeiro para que fosse avaliado o nível de apoio necessário para cada aluno, para que pudesse realizar o PEI, e em seguida foi utilizado para acompanhar os resultados dos alunos. Assim foi possível visualizar que os alunos diminuíram seu nível de apoio e aumentaram sua independência ao longo desses anos de aplicação da SIS. A autora (LOPES, 2016), assim como Almeida (2013) relata que no Brasil, existem poucos estudos nacionais que dão a devida importância a instrumentos que avaliam as necessidades de suporte de jovens e adultos com DI em seu desenvolvimento e, que o país precisa desses instrumentos para nortear a avaliação e planejamento do ensino de pessoas com deficiência Intelectual. Lopes (2016) complementa dizendo que a SIS é um instrumento que pode ser utilizado para adequar os conteúdos para os alunos com DI no Ensino Superior, e também fala que o Programa Primeiros Passos pode servir de modelo para novos planejamentos e programas que busquem a maior independência das pessoas com DI.

Todos os trabalhos acima descritos serviram como base para se chegar aos objetivos desta pesquisa.

2.OBJETIVO

Os objetivos deste estudo foram (a) verificar e descrever os níveis de intensidade de apoio nas áreas adaptativas de jovens e adultos com deficiência intelectual e (b) Salientar a importância da avaliação para o planejamento educacional individualizado.

3. MÉTODO

3.1 PROCEDIMENTOS ÉTICOS

Este trabalho fez parte do projeto de Almeida (2013), que buscou a validação da Escala de Intensidade de Apoios - SIS para o Brasil. O qual teve aprovação do Comitê de Ética em pesquisa com Seres Humanos, Parecer Nº 462.550 e, foi realizado de acordo com todos os procedimentos éticos da Resolução 466/12, como assinatura dos termos de consentimento livre e esclarecido, pela instituição (ANEXO 1), professoras (ANEXO 2) e responsáveis (ANEXO 3) e dos termos de assentimento pelos jovens e adultos com Deficiência intelectual – DI (ANEXO 4). A participação foi opcional e a privacidade foi mantida na apresentação dos dados.

3.2 PARTICIPANTES

Participaram do estudo, 20 jovens e adultos com deficiência intelectual, matriculados em uma instituição especializada e suas respectivas professoras. A Tabela 2 apresenta as principais características dos alunos participantes, separadas em: identificação, idade, gênero, escolaridade, tempo de instituição, com quem mora, se trabalha e qual o seu diagnóstico.

Em relação aos jovens e adultos, oito eram do sexo feminino e 12 do sexo masculino, com faixas etárias variando entre 16 anos e 60 anos. Em relação à escolarização, quatro alunos estão no 3º ano do ensino fundamental, uma aluna no 5º ano do ensino fundamental e 15 estão no EJA. Na primeira sala encontravam-se os alunos de 3º e 5º ano do ensino fundamental, ou seja, os alunos A1, A2, A3, A4 e A5, onde eram trabalhadas as atividades relacionadas às respectivas séries, porém no tempo e nível de escolarização do aluno. O trabalho nas outras duas salas de EJA, era voltado para atividades de vida diária e, a professora também considerava e respeitava as especificidades de cada aluno, tanto com relação ao como fazer como no tempo e apoio necessário. Os alunos do EJA foram divididos em duas salas a primeira estão os alunos A6, A7, A8, A9, A10, A11, A12 e A13, e a segunda sala os alunos A14, A15, A16, A17, A18, A19 e A20.

Outros dados interessantes, que se pode observar são: alunos estão na instituição a mais de 20 anos (A6, A8, A10, A13, A18, A19); Alguns alunos entraram na instituição tendo mais de 30 anos de idade (A7, A8, A9, A15, A17, A18 e A19); Alguns trabalham na padaria da escola como voluntários (A1, A2, A3, A4 e A5).

Tabela 2. ALUNOS PARTICIPANTES

Jovens/ Adultos	Idade	Gênero	Escolaridade	Tempo de instituição	Moradia	Emprego	Diagnóstico
A1	17	Fem.	5ºano E.F	3 Anos	Mãe	Voluntário	Deficiência Múltipla
A2	17	Fem.	3º Ano E.F	10 Anos	Pai	Voluntário	Deficiência Intellectual
A3	16	Fem.	3º Ano E.F	3 Anos	Pais	Voluntário	Síndrome De Down
A4	16	Fem	3º Ano E.F	10 Anos	Pais	Voluntário	Síndrome De Down
A5	17	Masc.	3º Ano E.F	10 Anos	Pais	Voluntário	Deficiência Intellectual
A6	39	Masc.	E.J.A.	20 Anos	Pais	----	Deficiência Intellectual
A7	50	Masc.	E.J.A.	3 Anos	Outros Familiars	----	Deficiência Intellectual
A8	50	Fem.	E.J.A.	28 Anos	Outros Familiars	----	Deficiência Múltipla
A9	60	Fem	E.J.A.	3 Anos	Outros Familiars	----	Síndrome De Down
A10	41	Mas.	E.J.A.	24 Anos	Mãe	----	Deficiência Intellectual
A11	39	Fem.	E.J.A.	10 Anos	Familiars	----	Deficiência Intellectual
A12	31	Masc.	E.J.A.	6 Anos	Pai	----	Deficiência Intellectual
A13	36	Masc.	E.J.A.	20 Anos	Pais	----	Deficiência Intellectual
A14	39	Masc.	E.J.A.	15 Anos	Pais	----	Deficiência Intellectual
A15	36	Masc.	E.J.A.	5 Anos	Outros Familiars	----	Deficiência Intellectual
A16	32	Masc.	E.J.A.	10 Anos	Pai	----	Deficiência Intellectual
A17	38	Masc.	E.J.A.	2 Anos	Pais	----	Deficiência Intellectual
A18	53	Masc.	E.J.A.	20 Anos	Outros Familiars	----	Síndrome De Down
A19	57	Fem.	E.J.A.	20 Anos	Outros Familiars	----	Deficiência Intellectual
A20	35	Masc.	E.J.A.	10 Anos	Pais	----	Deficiência Múltipla

Fonte: Base de Dados da Pesquisa

A Tabela 3 caracteriza as professoras, participantes da pesquisa como informantes, de acordo com a idade, gênero, sua formação e o tempo que trabalha na instituição.

TABELA 3. PROFESSORAS INFORMANTES

Professoras	Idade	Gênero	Formação	Tempo Na Instituição
P1	26	Fem.	Pedagogia/ Pós Em Educação Especial	4 Anos
P2	31	Fem.	Pedagogia/ Pós Em Educação Especial	2 Anos

Fonte: Base de Dados da Pesquisa

Quanto as professoras, ambas são do sexo feminino, sendo que uma delas tem 26 anos e formação em pedagogia com pós graduação *lato sensu* em educação especial em deficiência intelectual; a outra tem 31 anos e formação em pedagogia com pós graduação *lato sensu* em educação especial com ênfase na deficiência intelectual.

3.3 LOCAL

A pesquisa foi realizada em uma escola especial de um município de pequeno porte do interior de São Paulo. A instituição possui 83 alunos matriculados e presta atendimento especializado a pessoas com as seguintes deficiências: Deficiência Intelectual, Deficiências Múltiplas, Deficiência Física, Deficiência Auditiva e Deficiência Visual. É organizada em:

Educação Infantil – educação precoce (0 a 3 anos e 11 meses)- Que tem como conteúdos programáticos a socialização, linguagem, cognição, autocuidado, desenvolvimento motor e matemática;

Educação pré-escolar (4 a 5 anos e 11 meses)- Que tem como conteúdos programáticos a matemática, português integração social, ciências, atenção, percepção e contato, motricidade e artes;

Ensino Fundamental (E.F) – escolarização inicial 1º ciclo (de 6 a 14 anos e 11 meses):
1ª ano do E.F.- Que tem como conteúdos programáticos o português, matemática, história, geografia e ciências.

2ª e 3ª ano do E.F- Que tem como conteúdos:

Português que abrange diálogo, leitura, produção e interpretação de textos (contos, poemas e poesias), uso do dialogo, reescrita de textos lidos, ortografia e gramática, interpretação de imagens (tela, propaganda, cartão postal), leitura, escrita e interpretação de textos discursivos e narrativos (contos, poemas, relatos e cartas), história em quadrinhos,

textos informativos (jornais, revistas, suplementos infantis, slides, notícias, classificados e títulos), textos narrativos (mitos, lendas e fábulas, textos discursivos (convite), cartas, bilhetes, postais, catões e diários, entrevistas, notícias, anúncios de TV, produção de texto a partir de roteiro dado; Matemática que abrange sistema de numeração decimal, unidade de tempo (calendário), numeração ordinal, operações matemáticas (adição e subtração, dobro, triplo e a metade dos números, multiplicação (tabuadas do 1,2,3,4,5,etc), situação problema, envolvendo as operações de adição subtração e multiplicação, ideias de divisão (repartir em partes iguais), sistema monetário nacional, formas geométricas espaciais

Ciências que abrange corpo humano, prevenção de doenças, características da água, plantas, animais, solo, planeta.

Geografia que abrange a divisão e planejamento do período, explorando mapas, organizando o dia, conhecendo o Brasil.

História que abrange a história de cada um, linha do tempo, árvore genealógica.

4º e 5º ano do E.F- Que tem como conteúdos:

Português que abrange textos informativos, instrucionais, enredamento, convencimento, leitura, produção de textos.

Matemática que abrange reconhecimento de números naturais e racionais no contexto diário compreensão de regras do sistema de numeração decimal.

Ciências que abrange forma e tamanho da terra, presença de água no solo, ciclo local da água.

História, que abrange história familiar, história da cidade onde vive, circulação de veículos.

Geografia, que abrange natureza, trabalho no campo e na cidade, produção informatizada, recursos naturais, exportação.

Escolarização de jovens e adultos 1º e 2º ciclo (a partir de 15 anos). E tem como meta a Educação inclusiva e transformadora de qualidade. Tem como conteúdos:

Português: Língua oral e escrita, vocabulário, nomes, alfabeto, atenção, memória, compreensão, ordens, interpretação de textos.

Matemática: semelhanças, tamanho, espessura, posição, comprimento, massa, cores.

Ciências: comparando objetos, agrupamento se seres vivos, o ar, o solo, o sol, a lua, o dia, a noite, tempo (clima), lixo, calor: sole luz.

Geografia: os alunos como parte da sociedade, origem geográfica, sala de aula, mapa do Brasil.

História: família, grupos sociais, datas comemorativas, mudanças do Brasil.

Artes que abrange linguagem corporal e teatral, linguagem visual.

Atenção, percepção e contato que abrange ritmo, música, movimento, artes visuais, percepção visual, auditiva, tátil, gustativa e olfativa, contato visual.

3.4 MATERIAIS E EQUIPAMENTOS

Foram utilizados os materiais: caneta, lápis, papel e borracha para preenchimento da escala, anotações durante a aplicação e análise da Escala SIS. Quanto aos equipamentos foram usados computador para a análise e tabulações dos dados e escrita do trabalho e, impressora para as cópias do instrumento.

3.5 INSTRUMENTOS

Para coleta de dados foram utilizados dois instrumentos: Escala de Intensidade de Apoio – SIS e; Diário de Campo, os quais serão explicados posteriormente.

A Escala SIS possui três seções: Necessidade de Apoio; Proteção e Defesa e; Necessidades Médicas e Comportamentais. Cada uma das sessões será explicada detalhadamente, de acordo com o manual (THOMPSON et al, 2004; ALMEIDA, 2013).

A seção 1 se refere a necessidade de apoio e consiste em 49 atividades de vida diária que estão agrupadas em seis sub escalas: Parte A- Vida Doméstica é necessário colocar em prática diariamente diversas tarefas relacionadas aos cuidados pessoais, limpeza de sua casa, etc. essas tarefas podem variar o apoio (Ex. Utilizar o banheiro, lavar roupa, etc.); Parte B- Vida Comunitária, algumas pessoas irão precisar de mais apoio do que outras na obtenção e oferta de atividades na comunidade, podemos citar por exemplo pessoas com limitações físicas, estas podem pedir apoio todas as vezes que participem em uma atividade de vida comunitária(Ex. frequentar locais públicos, etc.); Parte C- Aprendizagem ao longo da vida, aqui são necessárias diferentes ações para que os alunos possam ter sucesso nessas atividades. Na avaliação dessa atividade, deve-se focar no “usar, interagir” para determinar a frequência, tempo de apoio e tipo de apoio necessário(Ex. aprender estratégias para resolver problemas estratégias de autogerenciamento, etc.); Parte D- Emprego, essa atividade nos mostra que oportunidades de emprego para pessoas com deficiência intelectual existem, e podem funcionar se estiverem disponíveis os apoios necessários (Ex. Ajustar a novas atribuições no trabalho, etc.); Parte E- Saúde e Segurança, essa atividade vai depender muito da situação, e podem depender também do uso de tecnologias, indicações individualizadas ou sistemas de

aviso (Ex. Tomar medicação, deslocar-se sozinho); Parte F- Social, deve se levar em conta que os amigos e as oportunidades são muito importantes no envolvimento do aluno com a atividade (Ex. Estabelecer e manter amizades, se envolver em relacionamentos amorosos, etc.) (THOMPSON et al., 2004).

Quando se completa as atividades de necessidade de apoio, cada uma delas deve ser examinada em relação a três medidas, avaliadas de 0 a 4 pontos, que são: Frequência (F) especifica quantas vezes é preciso disponibilizar os apoios para cada atividade; Tempo de apoio diário(TDA) diz respeito ao tempo que habitualmente tem que se dedicar a oferta de apoio e; Tipo de Apoio (TA) tem opções de qual a natureza do apoio necessário para o aluno realizar a atividade. Quanto a medida frequência, 0. Significa que o apoio não é necessário ou é necessário menos de uma vez por mês, 1. significa que o apoio é necessário ao menos uma vez por mês mas não uma vez por semana, 2. significa que o apoio é necessário pelo menos uma vez por semana, mas não uma vez por dia, 3. significa que necessita de apoio uma vez por dia, mas não uma vez a cada hora e 4. significa que necessita de apoio a cada hora ou com mais frequência. Já os pontos de tempo diário de apoio são: 0. não necessita de nenhum tempo, 1. menos de 30 minutos, 2. entre 30 minutos a 2 horas, 3. entre 2 a 4 horas e 4. 4 horas ou mais. E, quanto a frequência de apoio, 0. Significa nenhum apoio, 1. Significa que o aluno necessita apenas monitoramento, 2. O aluno necessita de pistas verbais ou gestuais, 3. O aluno precisa de ajuda física parcial, e 4. Se o aluno precisar de ajuda física total.

A seção 2, refere-se a área adaptativa “Proteção e defesa”e, é dividida oito atividades (EX. Fazer escolhas, administrar dinheiro, exercer responsabilidades legais, etc.), onde a pontuação será avaliada da mesma forma da seção 1 necessidade de apoio, onde usaremos tipo de apoio, frequência de apoio e tempo diário de apoio. Os apoios podem variar de aceitação e encorajamento, oportunidade e acesso a exercer responsabilidades legais. O manual traz a orientação para ser sensível, tanto ao tipo de atividade como às formas diferentes de se prestar o apoio.

Já a seção 3, envolve as necessidades de apoio médico e comportamental, ela é composta por 15 condições médicas (Ex. alimentação por sonda, Dialise, terapia, etc.) e 13 problemas comportamentais (Ex. Prevenção de ataques, autolesão, etc.). Certas condições médicas e alguns problemas comportamentais predizem que a pessoa irá requerer maiores níveis de apoio, independente de suas necessidades de apoio em outros domínios de atividades. Para essas atividades utiliza-se uma escala de 0 á 2 , sendo 0. Não necessita de apoio, 1. Necessita algum apoio, 2. Necessita muito apoio (THOMPSON et al., 2004).

Diários de Campo. Todas as informações fornecidas pelas professoras durante aplicação da Escala SIS, ou mesmo em outros contextos eram anotadas no verso das escalas que foram aplicadas aos alunos.

3.6 PROCEDIMENTO DE COLETA

Inicialmente a pesquisadora buscou a instituição via telefone, e nesse primeiro contato foi marcada uma reunião na Instituição com o objetivo de apresentar o projeto deste trabalho. Fizeram parte dessa reunião a diretora e a coordenadora da Instituição e, para explicar toda a pesquisa, estavam presente a primeira autora desse trabalho, sua orientadora e a co-orientadora e também duas outras pesquisadoras que atuam no Projeto de Validação da escala SIS. Durante a reunião foi explicado detalhadamente cada fase da pesquisa. Depois do aceite por parte da instituição, foi realizada uma reunião com a pesquisadora, coordenadora e diretora da instituição e os pais/responsáveis de jovens/adultos com deficiência intelectual, possíveis participantes. Nessa reunião, foi explicado o objetivo da pesquisa, bem como o instrumento de coleta de dados e, aqueles que aceitaram que seus filhos/familiares participassem, assinaram o termo de consentimento.

Num terceiro momento, foram realizadas reuniões com as professoras e com os alunos para a aplicação da Escala SIS. Assim, em uma sala durante o horário de aula se encontravam a pesquisadora, professora e o aluno com DI, enquanto os outros alunos da sala eram acompanhados por outra professora em outra sala. Antes da aplicação da SIS os professores assinaram o termo Consentimento Livre e Esclarecido, enquanto que os alunos assinaram o termo de assentimento. Em seguida a escala era aplicada.

A aplicação foi realizada da seguinte forma: A pesquisadora fazia a pergunta para o aluno, e se necessário a professora ajudava na resposta, fornecendo exemplos ao aluno, facilitando assim a compreensão da pergunta. Se o aluno não sabia ou não conseguia responder, a professora respondia por ele. Entretanto, a pesquisadora pedia para que ela explicasse com exemplos de atividades realizadas pelo aluno que estava sendo entrevistado.

Inicialmente as aplicações duravam em média uma hora, depois o tempo baixou para 40 minutos.

Primeiramente foram aplicadas cinco escalas com a finalidade de aprendizado de aplicação. Depois foi realizado uma reunião com a co-orientadora para verificar se como as escalas tinham sido aplicadas, e os resultados obtidos. Em seguida avaliou-se cada item, a co-orientadora experiente da aplicação achou falhas na aplicação, orientou que a pesquisadora as

realizasse novamente dessa vez com o manual (THOMPSON et al., 2004) por perto para que pudesse utiliza-lo se surgisse duvidas. Então foi autorizado pela instituição que fossem reaplicadas as escalas, após foi realizada novamente reunião com a co-orientadora, na qual foi constatado que a aplicação estava correta e então pode-se seguir a pesquisa com as aplicações da escala com os demais alunos e professora.

3.7 PROCEDIMENTO DE ANÁLISE DE DADOS

A análise de dados foi realizada de forma quantitativa, por meio da Escala SIS e qualitativa, com auxílio do diário de campo. A Escala SIS foi analisada de acordo com o Manual do Usuário da Escala SIS (THOMPSON et al., 2004), realizando o cálculo da intensidade de suporte em cada área adaptativa, considerando o tipo, frequência e tempo diário de apoio.

Para identificar os níveis de suporte o trabalho utilizou uma definição arbitrária, conforme a Tabela 7.

TABELA 4. NÍVEIS DE SUPORTE E DEFINIÇÃO

Nível de suporte	Definição
Alto	Pontuação igual ou superior a 11
Médio	Pontuação entre 8 e 10
Baixo	Pontuação igual ou inferior a 7

Fonte: Base de Dados da Pesquisa.

Para se chegar ao resultado do Índice geral foram feitos os seguintes cálculos: A- somou-se as três pontuações referentes a Tipo de Apoio, Frequência de Apoio e Tempo Diário de Apoio para cada item da subescala. B- somar as pontuações do passo A para conseguir a pontuação total. C- seguindo o passo A e B para todas as áreas (Vida Doméstica, Vida Comunitária, Aprendizagem ao longo da vida Emprego, Saúde e Segurança Social) esses resultados serão anotados no formulário de pontuação na parte do escore bruto total. D- para cada resultado por área foi utilizada a tabela 6.2 de conversão que é disponibilizada no manual do usuário, onde estará localizado junto ao numero o escore padrão e o escore percentil das subescalas. F- para se chegar então ao índice geral, foi somado todos os dados do escore padrão, com seu resultado buscou-se no apêndice 6.3 uma outra conversão, onde o resultado teria o índice geral (THOMPSON et al., 2004).

Já o diário de campo, foi analisado por meio da leitura completa e, posteriormente as informações foram correlacionadas com os resultados obtidos na Escala SIS.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 RESULTADO DA ESCALA DE INTENSIDADE DE APOIO – SIS POR SALA DE AULA

É necessário esclarecer que para a avaliação da Escala SIS, ao observar as pontuações de cada aluno, se pode dizer que: quanto maior a pontuação maior será a intensidade de apoio (>IS), ou seja, maior será a dependência do aluno e; quanto menor for a pontuação, menor será a intensidade de apoio (<IS), e conseqüentemente, menor dependência do aluno. Cada avaliação da escala mostra a pontuação de níveis de apoio por área adaptativa, sendo na seqüência: vida doméstica, vida comunitária, aprendizagem ao longo da vida, emprego, saúde e segurança e, social e também, na última coluna o índice geral de intensidade de apoio.

Para analisar os dados, optou-se por separar os alunos por turma, ou seja, de acordo com as salas que cada um deles frequentava. Sendo assim, eles foram divididos em três turmas e realizou-se a análise, primeiramente de forma individual e, depois por sala, destacando aqueles que tiveram maior e menor intensidade de apoio. Os destacados de vermelho são aqueles que apresentaram maior índice geral de intensidade de apoio se comparado aos demais da turma e, os de amarelo, aqueles que obtiveram menor índice geral.

A Tabela 4 demonstra os resultados obtidos por cada um dos alunos da primeira turma na Escala SIS.

TABELA 5. RESULTADO DOS JOVENS/ADULTOS DA SALA 1 NA ESCALA SIS.

<i>PONTUAÇÃO GERAL DOS NÍVEIS DE SUPORTE</i>							
<i>Jovens/ Adultos</i>	Vida Doméstica	Vida Comunitária	Aprend. ao Longo da Vida	Emprego	Saúde e Segurança	Social	Índice Geral
> IS*			17-20				>131
A1	13	9	10	8	10	7	94-96
A2	7	9	9	9	10	10	92-93
A3	6	7	9	6	7	6	75-81
A4	6	8	9	7	9	7	82-84
A5	5	8	10	9	9	9	88-89
< IS**			1-4				<74

Fonte: Base de Dados da Pesquisa

* >IS – maior intensidade de suporte = maior dependência;

** <IS – menor intensidade de suporte = menor dependência.

Aluno A1 – obteve o maior índice geral de intensidade de suporte da turma. Nota-se que, na área “Vida Doméstica”, ela apresentou intensidade de suporte maior diante das demais

áreas. Na sequência, as áreas “Aprendizagem ao Longo da Vida” e “Saúde e Segurança” tem a segunda maior intensidade de suporte. Ao analisar cada atividade presente na escala, percebe-se que a aluna A1 não realiza a maior parte das atividades e quando faz é sempre com apoio, principalmente auxílio físico. O principal motivo disso, talvez se deva ao fato da aluna ter muita dificuldade na locomoção e na fala.

Aluno A2 - apresentou maior intensidade de suporte nas áreas de “Saúde e Segurança” e “Social”. Supõe-se que tal resultado seja devido a aluna realizar tratamentos psiquiátricos e, muitas vezes, apresentar comportamentos agressivos em sala de aula tanto com os alunos quanto com a professora. A professora relata que algumas vezes não sabe como lidar com a mudança de humor repentina da aluna.

Aluno A3 - possui o menor índice geral de intensidade de suporte da turma. É possível perceber que ela necessita de maior intensidade de suporte na área de “Aprendizagem ao Longo da Vida” o qual a aluna realiza a maioria das atividades com apoio pistas gestuais e frequência de apoio diário e segundo a professora mesmo que ela não realize, no momento, alguma atividade, acredita-se que se foi dada a devida oportunidade, ela consiga realizá-la.

Aluno A4 - apresentou maior dificuldade nas áreas de “Aprendizado ao Longo da Vida” e “Saúde e Segurança”. Segundo a professora, estas são atividades que a aluno demora tempo maior para realizar e que necessita, na maioria das vezes, de dicas verbais e/ou gestuais.

Aluno A5 - necessita de maior intensidade de suporte na área de “Aprendizagem ao longo da vida”. A professora salientou que, esse aluno tem menor dificuldade, se comparado ao restante da turma. Contudo precisa de monitoramento constante, pois apresenta comportamentos inadequados, como fúria e perambulação.

Nota-se que, os alunos dessa sala apresentaram maior intensidade de apoio nas áreas de “Aprendizagem ao Longo da Vida” e “Saúde e Segurança”. A área de menor intensidade de apoio foi “Vida Doméstica”.

A Tabela 5 demonstra os resultados da Escala SIS de cada aluno da segunda turma.

Aluno A6 - necessita de maior intensidade de suporte nas áreas de “Aprendizagem ao Longo da Vida” e “Emprego”. Observando os resultados da aplicação da escala SIS, podemos perceber que o aluno realiza a maioria das atividades com monitoramento e com tempo de apoio de 30 min ou menos.

Aluno A7 - O aluno sete possui um dos menores índices gerais de intensidade de suporte da turma. Segundo relato da professora, ele é superprotegido pelos familiares tendo poucas oportunidades para desenvolver sua independência. Um exemplo disso é o fato,

relatado pela professora que, ele não sai de casa desacompanhado. Porém ela garante que, se for fornecida oportunidade e ensino adequado, ele tem toda a capacidade de aprender a realizar muitas atividades de forma independente ou com pouco apoio. Para esse aluno, a área de “Aprendizagem ao Longo da Vida” foi a que demandou maior intensidade de suporte, o motivo disso pode ser o fato de a maior parte das atividades dessa área são feitas para ele por outras pessoas.

TABELA 6. RESULTADO DOS JOVENS/ADULTOS DA SALA 2 NA ESCALA SIS.

<i>Jovens/ Adultos</i>	<i>PONTUAÇÃO GERAL DOS NÍVES DE SUPORTE</i>						<i>Índice Geral</i>
	<i>Vida Doméstica</i>	<i>Vida Comunitária</i>	<i>Aprend. ao longo da vida</i>	<i>Emprego</i>	<i>Saúde e Segurança</i>	<i>Social</i>	
<i>> IS*</i>			17-20				<i>>131</i>
A6	4	7	9	9	8	7	82-84
A7	6	8	10	8	7	4	75-81
A8	8	9	12	12	9	10	100-101
A9	3	7	9	8	7	6	75-81
A10	8	11	11	11	11	11	102-104
A11	7	8	10	9	10	9	92-93
A12	8	7	10	8	10	7	88-89
A13	6	9	11	8	10	7	90-91
<i>< IS**</i>			1-4				<i><74</i>

Fonte: Base de Dados da Pesquisa

* >IS – maior intensidade de suporte = maior dependência;

** <IS – menor intensidade de suporte = menor dependência.

Aluno A8 - essa aluna possui diagnóstico de deficiência intelectual e deficiência auditiva. As áreas que ela necessita de maior intensidade de suporte são “Aprendizagem ao longo da vida” e “Emprego”. Segundo relato da professora, a aluna sempre apresenta necessidade de ter alguém que a conheça por perto para explicar para os ouvintes o que ela está querendo dizer, como um “interprete”. A aluna não sabe a Língua de Sinais Brasileira-LIBRAS então, ela utiliza gestos que algumas pessoas que já convivem com a aluna há mais tempo entendem com maior facilidade.

A9 - apresentou um dos menores índices de intensidade de apoio se comprada a seus colegas de sala, apesar de não sair de casa sozinha, segundo a professora ela teria total possibilidade de fazer se tivesse oportunidade. O aluno necessita de maior intensidade de suporte na área de “Aprendizagem ao longo da vida”. Ele tem Síndrome de Down e sempre foi impulsionado pela família que lhe trata como igual e pede para que faça as atividades de casa como todos os outros familiares.

A10 - apresentou o maior índice geral de intensidade de suporte da turma. Ele

necessita de maior intensidade de suporte nas áreas de “Vida Comunitária”, “Aprendizagem ao longo da vida”, “Emprego”, “Saúde e Segurança” e “Social”, com índice 11. Durante a avaliação, o aluno não expressou fala e nem compreensão das questões, então todas foram respondidas pela professora, que forneceu exemplos de diversos comportamentos do aluno para justificar a resposta dela sobre a intensidade de apoio do aluno, conforme é solicitado no manual da Escala SIS (THOMPSON, et al, 2004).

A11- demonstrou maior intensidade de suporte nas áreas de “Aprendizagem ao longo da vida” e “Saúde e Segurança”. Analisando os resultados da aplicação da escala com esse aluno, percebe-se que ele desempenha a maioria das atividades com dicas verbais ou gestuais. Segundo a professora o aluno realiza as atividades somente quando é solicitado que as faça, ou seja, não possui iniciativa para fazê-las.

A12 - possui maior dificuldade nas áreas de “Aprendizagem ao longo da vida” e, “Saúde e Segurança”. O fato se explica, analisando os resultados da Escala e por comentários da professora que cita que sempre que a atividade exige um pouco mais do aluno, alguém realiza a atividade para ele.

A13 - realiza a maioria das atividades com pistas verbais ou gestuais; porém com um tempo de apoio maior. Segundo relato da professora, o aluno precisa de um tempo maior que os outros colegas da sala para compreender o que esta sendo pedido para ele. Ele necessita de maior intensidade de suporte na área de “Aprendizagem ao longo da vida”.

Nessa sala, os alunos apresentaram maior intensidade de apoio e, conseqüentemente maior dificuldade na realização das atividades nas áreas de “Aprendizagem ao longo da vida”, “Emprego” e “Saúde e Segurança”. E, a área com menor intensidade de apoio foi “Vida Doméstica”.

A Tabela 6 demonstra os resultados da Escala SIS de cada aluno da terceira turma. Ao realizar uma comparação entre salas, essa é a que os alunos apresentam maior intensidade de apoio, visto que, todos os alunos obtiveram índice geral acima de 82-84.

O aluno A15 foi grifado de vermelho por apresentar o maior índice geral de intensidade de suporte da turma. E o aluno A16 foi grifado de amarelo por apresentar o menor índice geral de intensidade de suporte da turma.

A14- apresentou maior intensidade de suporte nas áreas de “Aprendizagem ao longo da vida” e “Saúde e Segurança”. Observando a avaliação da Escala SIS, percebe-se que o aluno necessita de apoios para realiza a maior parte das atividades; dentre os apoios a maioria é apoio físico parcial. O aluno tem a fala bem comprometida e, segundo a professora demanda um tempo maior, que o restante dos colegas de turma, para compreender instruções que lhe

são dadas.

TABELA 7. RESULTADO DOS JOVENS/ADULTOS DA SALA 3 NA ESCALA SIS.

<i>Jovens/ Adultos</i>	<i>PONTUAÇÃO GERAL DOS NÍVEIS DE SUPORTE</i>						<i>Índice Geral</i>
	<i>Vida Doméstica</i>	<i>Vida Comunitária</i>	<i>Aprend. ao longo da vida 17-20</i>	<i>Emprego</i>	<i>Saúde e Segurança</i>	<i>Social</i>	
<i>> IS*</i>							<i>>131</i>
<i>A14</i>	8	10	11	10	11	10	100-101
<i>A15</i>	10	9	11	11	11	10	102-104
<i>A16</i>	6	7	9	8	9	6	82-84
<i>A17</i>	7	10	11	10	10	10	98-99
<i>A18</i>	8	9	10	10	9	9	94-96
<i>A19</i>	7	7	10	9	10	4	85-87
<i>A20</i>	11	8	10	10	11	8	98-99
<i>< IS**</i>			1-4				<i><74</i>

Fonte: Base de Dados da Pesquisa

* >IS – maior intensidade de suporte = maior dependência;

** <IS – menor intensidade de suporte = menor dependência.

A15- apresenta o maior índice geral de intensidade de suporte da turma. As áreas que ele apresentou maior necessidade de apoio foram: “Aprendizagem ao Longo da Vida”, “Emprego” e “Saúde e Segurança”. Nessas áreas, o aluno realiza todas as atividades com ajuda física parcial, pois segundo a professora ele está aprendendo, aos poucos, para que futuramente possa conseguir fazê-las de forma mais independente. Como um exemplo, a professora cita que ele já consegue tomar banho somente com dicas verbais e gestuais e antes era só com ajuda física parcial. A fala do aluno é comprometida de modo a enrolar a língua quando fala, dificultando o entendimento do que está sendo dito por ele.

A16 - apresentou o menor índice geral de intensidade de suporte da turma. Ele sempre se dispõe a fazer as atividades que necessitam de esforço físico, entende rápido se for mostrado e exemplificado para ele como realizar a atividade. Percebe-se que ele necessita de maior intensidade de suporte nas áreas de “Aprendizagem ao longo da vida” e “Saúde e Segurança”. Ao avaliar os apoios necessários para ele realizar, nota-se que, nessas áreas e, na maior parte das atividades, ele necessita de dicas verbais e gestuais, que é a forma como ele entende melhor e lembrar o que deve ser feito, segundo a professora.

A17- não conseguiu responder aos itens da escala sozinho, pois não tem uma fala compreensível. Segundo a professora ele é um aluno novato que está há um ano na instituição; adaptou-se bem aos demais alunos, porém ela salienta o relato dos pais de que sempre foi feito tudo para ele e, então ainda não aprendeu a fazer a maioria das coisas sozinho. Sendo assim sempre precisa que alguém pegue em sua mão e o leve para fazer certas atividades, como sair de casa, ir ao refeitório para se alimentar, etc. Ele necessita de

maior intensidade de suporte na área de “Aprendizagem ao longo da vida” porém as áreas de “Vida Comunitária”, ”Emprego”, “Saúde e Segurança” e “Social” também apresentou uma pontuação alta demonstrando que necessita e suporte nessas áreas.

A18 - necessita de maior intensidade de suporte nas áreas de “Aprendizagem ao longo da vida” e “Emprego”. Segundo relato da professora, nas atividades da área de “aprendizagem ao longo da vida”, o aluno sempre precisa de apoio e, muitas delas ele não realiza, precisando que alguém faça por ele. Durante a aplicação da Escala SIS, o aluno demonstrou atenção e fala compreensível e, soube dizer o que faz e quando não faz, quem realiza a atividade por ele. Em relação ao emprego, ele não trabalha, porém a professora acredita que, se lhe fosse fornecida oportunidade, ele conseguiria realizar as atividades que não demandassem muito tempo, pois segundo ela, o aluno cansa e fica estressado.

A19- A aluna faz a maior parte das atividades com apoio variando entre monitoramento e pistas verbais e gestuais, somente algumas atividades que demandam cuidados maiores como sair sozinha que ela necessita de apoio físico parcial, como pegar pela mão ao atravessar a rua, pois segundo a professora a aluna se distrai facilmente. Ela necessita de maior intensidade de suporte nas áreas de “Aprendizagem ao longo da vida” e “Saúde e Segurança”.

A20 - este aluno, além da deficiência intelectual, possui diagnóstico de cegueira completa. Foi observado, durante a aplicação do instrumento, fala compreensível e ótimo entendimento das questões. Segundo a professora ele tem muita vontade de aprender o Braille, porém a professora não tem conhecimento e não acharam até então alguém que pudesse ensiná-lo. A sua maior dificuldade encontrada em todas as áreas é a de sempre precisar do auxílio de outra pessoa, principalmente por questão de locomoção, a qual não faz sozinho nem dentro da escola. O aluno também relata que ele gostaria de aprender a ir ao mercado, mas, ele tem medo e seus pais também tem medo de levá-lo e ele quebrar algo ou esbarrar nas pessoas. Esse dado vai de encontro aos dados da pesquisa desenvolvida por Albernaz, Barros, Castro, Rodrigues, Fernandes (2013) quando descrevem que os pais entrevistados disseram que tinham receio de maior autonomia a seus filhos, por acreditarem que eles eram incapazes de realizar tais tarefas sozinhos

Ele necessita de maior intensidade de suporte nas áreas de “Vida doméstica” e “Saúde e Segurança”, porém as áreas de “Aprendizado a longo da vida” e “Emprego” também demonstram que ele necessita de suporte nessas áreas.

4.2 RESULTADOS GERAIS DA ESCALA SIS DEMONSTRADOS EM GRÁFICOS INDIVIDUAIS

Na Figura 1, podem ser visualizados os resultados de cada escala aplicada com cada um dos alunos. Cada coluna representa o resultado obtido em uma área, sendo em sequência: Vida doméstica, vida comunitária, Aprendizagem ao longo da vida, Emprego, Saúde e segurança, Atividades Sociais. E, a última coluna, demonstra o índice geral de necessidade de apoio.

Para que se entenda cada um desses gráficos, deve-se saber que as pontuações mais altas representam maior intensidade de apoio, e as pontuações mais baixa necessitam de menos intensidade de apoio.

Sendo assim, os títulos que foram circulados apontam as áreas que cada um dos alunos avaliados necessitam de maior nível de apoio, ou seja, é preciso que se trabalhe mais com o aluno nessa área para que ele se torne menos dependente.

O trabalho utilizou uma definição arbitrária, conforme demonstra a Tabela 7, para identificar os níveis de suporte, tendo como base os resultados da Escala SIS.

Assim, ao analisar todos os gráficos podemos afirmar que só existem dois alunos com necessidade de apoio alto, A1 com necessidade de apoio alto na área de Vida Diária, isso se deve ao fato de a aluna ter pouca locomoção, ser cadeirante e depender de sonda para se alimentar. E A8 com necessidade de apoio alto nas áreas Atividade ao Longo da Vida e Emprego. A aluna é surda e necessita sempre de alguém por perto para interpretar o que ela diz.

Em relação ao apoio Médio, todos os 20 alunos se encontram em ao menos uma área nesse nível de suporte. Também é importante destacar que todos os alunos tem apoio médio na área Atividade ao longo da vida, com exceção do aluno A8 que tem essa atividade no apoio alto. Os alunos A14, A15, A18, e A20, tem nível de apoio Médio em todas as áreas.

Com exceção dos alunos A8, A10, A14, A15, A18 e A20 todos os outros alunos tem ao menos uma área com nível de apoio baixo. O aluno A3 foi o que demonstrou maior índice de apoio baixo, ou seja, em cinco áreas adaptativas.

Ao observar esta análise, se pode afirma que, os dados demonstram que todos os alunos tem ao menos uma área que necessitam de suporte médio, sendo assim a metade destes alunos precisam de apoio limitado em pelo menos quatro áreas, com destaque maior para: aprendizagem ao longo da vida, saúde e segurança, vida comunitária e emprego.

A17

Pontuação Geral dos Níveis de Suporte						
Vida Doméstica	Vida Comunitária	Aprend. Ao longo da Vida	Emprego	Saúde e Segurança	Social	Índice Geral
17-20	17-20	17-20	17-20	17-20	17-20	>131
15-16	15-16	15-16	15-16	15-16	15-16	124-131
14	14	14	14	14	14	120-123
13	13	13	13	13	13	116-119
12	12	12	12	12	12	113-115
						110-112
						108-109
						106-107
						105
11	11	11	11	11	11	102-104
						100-101
10	10	10	10	10	10	98-99
						97
9	9	9	9	9	9	94-96
						92-93
8	8	8	8	8	8	90-91
						88-89
						85-87
6	6	6	6	6	6	82-84
5	5	5	5	5	5	75-81
1-4	1-4	1-4	1-4	1-4	1-4	<74

ALTO

MÉDIO

BAIXO

A18

Pontuação Geral dos Níveis de Suporte						
Vida Doméstica	Vida Comunitária	Aprend. Ao longo da Vida	Emprego	Saúde e Segurança	Social	Índice Geral
17-20	17-20	17-20	17-20	17-20	17-20	>131
15-16	15-16	15-16	15-16	15-16	15-16	124-131
14	14	14	14	14	14	120-123
13	13	13	13	13	13	116-119
12	12	12	12	12	12	113-115
						110-112
						108-109
						106-107
						105
11	11	11	11	11	11	102-104
						100-101
10	10	10	10	10	10	98-99
						97
9	9	9	9	9	9	94-96
						92-93
8	8	8	8	8	8	90-91
						88-89
						85-87
6	6	6	6	6	6	82-84
5	5	5	5	5	5	75-81
1-4	1-4	1-4	1-4	1-4	1-4	<74

A19

Pontuação Geral dos Níveis de Suporte						
Vida Doméstica	Vida Comunitária	Aprend. Ao longo da Vida	Emprego	Saúde e Segurança	Social	Índice Geral
17-20	17-20	17-20	17-20	17-20	17-20	>131
15-16	15-16	15-16	15-16	15-16	15-16	124-131
14	14	14	14	14	14	120-123
13	13	13	13	13	13	116-119
12	12	12	12	12	12	113-115
						110-112
						108-109
						106-107
						105
11	11	11	11	11	11	102-104
						100-101
10	10	10	10	10	10	98-99
						97
9	9	9	9	9	9	94-96
						92-93
8	8	8	8	8	8	90-91
						88-89
						85-87
6	6	6	6	6	6	82-84
5	5	5	5	5	5	75-81
1-4	1-4	1-4	1-4	1-4	1-4	<74

ALTO

MÉDIO

BAIXO

A20

Pontuação Geral dos Níveis de Suporte						
Vida Doméstica	Vida Comunitária	Aprend. Ao longo da Vida	Emprego	Saúde e Segurança	Social	Índice Geral
17-20	17-20	17-20	17-20	17-20	17-20	>131
15-16	15-16	15-16	15-16	15-16	15-16	124-131
14	14	14	14	14	14	120-123
13	13	13	13	13	13	116-119
12	12	12	12	12	12	113-115
						110-112
						108-109
						106-107
						105
11	11	11	11	11	11	102-104
						100-101
10	10	10	10	10	10	98-99
						97
9	9	9	9	9	9	94-96
						92-93
8	8	8	8	8	8	90-91
						88-89
						85-87
6	6	6	6	6	6	82-84
5	5	5	5	5	5	75-81
1-4	1-4	1-4	1-4	1-4	1-4	<74

FIGURA 1. GRÁFICOS DE RESULTADOS DE TODOS OS ALUNOS NA ESCALA SIS
 Fonte: Base de Dados da Pesquisa.

Para se ter uma ideia geral da amostra coletada, a Tabela 8 demonstra a pontuação dos alunos por área adaptativa, obtida com a soma das variáveis frequência, tempo diário e tipo de apoio de cada atividade. As primeiras colunas antes da linha divisória, apresentam a pontuação da Seção 1, referente as necessidades de apoio; os resultados da seção 2 podem ser observados oitava coluna e, os da seção 3A e 3B, referentes a necessidade de apoio médica e comportamental, consecutivamente, estão apresentados nas colunas nove e dez. A partir da soma e divisão pelo número de escalas aplicadas, pode-se chegar a uma média geral da intensidade de apoio de todos os alunos em cada área e, assim observar qual área necessita de maior apoio e que pode ser enfocada no planejamento e implementação do ensino nessa instituição especial. O aluno A7, grifado em amarelo, foi o que apresentou menor intensidade de apoio, ao ser comparado com os demais e, o A10, grifado de vermelho, o que obteve maior intensidade de apoio.

A partir desses resultados se pode observar que os alunos apresentam nível intermediário de apoio.

TABELAS 8. PONTUAÇÃO GERAL DOS ALUNOS, COM INDICAÇÃO DA MÉDIA POR ÁREA DAS SEÇÕES 1 E 2 DA ESCALA SIS.

Pontuação máxima / Alunos	SEÇÃO 1 – NECESSIDADES DE APOIO						Pontuação Geral	Proteção e Defesa
	Parte A	Parte B	Parte C	Parte D	Parte E	Parte F		Seção 2
	92	91	104	87	94	93	561	94
A1	68	53	59	32	56	26	294	36
A2	26	49	52	44	51	49	271	50
A3	24	35	50	18	33	16	176	62
A4	23	43	50	29	45	20	210	38
A5	16	44	55	48	45	44	252	35
A6	10	34	49	49	40	21	203	45
A7	19	41	58	32	28	6	184	46
A8	35	54	72	73	42	49	325	66
A9	3	35	49	36	32	13	168	72
A10	32	65	71	63	63	61	355	72
A11	26	47	61	44	53	47	278	68
A12	33	35	59	40	49	21	237	39
A13	18	55	65	35	54	26	253	60
A14	36	59	71	60	63	56	345	48
A15	54	54	68	61	59	57	353	72
A16	18	40	53	35	43	14	203	51
A17	29	57	69	59	54	48	316	56
A18	34	53	62	54	46	38	287	66
A19	28	40	57	42	51	3	221	56
A20	57	48	57	58	59	28	307	62
Média	29,45	47,05	59,35	45,6	48,3	32,15	261,9	55

Fonte: Base de Dados da Pesquisa.

Na Tabela 8 os alunos que obtiveram maior intensidade de apoio foram grifados em vermelho e, aqueles que tiveram menor intensidade de apoio em amarelo. Saliencia-se que as seções foram calculadas de forma separada, conforme indicado no Manual do Usuário (THOMPSON, et al, 2004), por isso há alunos diferentes grifados nas duas seções, de acordo com o critério supracitado.

A área que grande parte dos alunos apresenta maior necessidade de apoio é “Aprendizagem ao longo da vida” da Seção 1 com média de 59,35 . A seguir, vem a Seção 2 (Proteção e defesa) que apesar de não ser utilizada para determinar o índice geral de necessidade de apoio, se nota grande defasagem dos alunos e, precisa ser trabalhada com eles

nas instituições. A terceira área adaptativa que eles mais necessitam de apoio é “Saúde e segurança”, também da seção 1, com média de 48,3. As partes B (atividades de vida comunitária), D (Emprego) com 45,6 de média, F (Atividades sociais) com 32,15, A (Vida doméstica) com 29,45 de média aparecem na sequencia indicando menos dependência e necessidade de apoio.

Não foram encontrados estudos brasileiros que trabalhem com jovens e adultos com deficiência intelectual, no que diz respeito a área a qual os alunos necessitam maior apoio “Aprendizagem ao longo da vida” a qual suas atividades se dividem em: interagir com outras pessoas em atividades de aprendizagem; Participar nas decisões sobre a própria educação e formação; Aprender a usar estratégias para resolução de problemas; Utilizar tecnologia para aprender; Acessar contextos educacionais e de formação; Aprender competências acadêmicas funcionais (ler sinais, contar troco, etc.); aprender habilidades para saúde e atividades físicas; Aprender habilidades de autodeterminação; Aprender estratégias de autogerenciamento (THOMPSON et al.,2004).

Já sobre a Seção 2 “Proteção e Defesa”, que também revelou muita necessidade de apoio e que entram atividades como: Defender seus direitos; Administrar dinheiro e finanças pessoais; Proteger-se contra exploração; Exercer responsabilidades legais (votar nas eleições, obedecer às leis, etc.); Pertencer e participar de organizações de auto advocacia e de apoio; Reconhecer a necessidade e obter serviços jurídicos; Fazer escolhas e tomar decisões; Defender os direitos dos outros (THOMPSON et al.,2004). Os textos e leis fornecem informações e orientações sobre os direitos de proteção e defesa das pessoas com DI, também não foi encontrado pela pesquisadora estudos sobre como ensinar as pessoas com DI a realizar tais atividades. Sabe-se que a Federação Nacional das APAEs mantém um Fórum Nacional de Autodefensores que até disponibiliza um Manual sobre o assunto (BERNARDI, GLAT, PILGER, FERNANDO NETO, 2015) e que todas as APAEs do Brasil deveriam formar seu próprio fórum. Talvez uma sugestão, fosse os próprios professores trabalharem em suas aulas esse manual com seus alunos.

A Tabela 9 representa a Seção 3 B (Necessidade de apoios comportamentais) e a Seção 3 A (Necessidade de apoio médico). Essa seção é avaliada de forma diferente, como já citado nos instrumentos da pesquisa, considerando apenas a necessidade de apoio ou de muito apoio. Conforme indicado pelos autores (THOMPSON, et al, 2014), se o total de cada aluno for superior a 5 ou se na escala foi selecionado ao menos um numero”2”, é provável que o aluno tenha muita necessidade de apoio e, que tal necessidade influenciará na escolha da atividade, metodologia e estratégias de ensino e aprendizagem. Os alunos que apresentaram

maior necessidade de apoio nessa seção foram A1 e A2.

TABELA 9. PONTUAÇÃO GERAL DOS ALUNOS DA SEÇÃO 3 DA ESCALA SIS.

Pontuação máxima/ Alunos	Seção 3A	Seção 3B
	Médica	Comportamental
	32	26
A1	5	0
A2	4	9
A3	1	0
A4	0	0
A5	4	8
A6	0	0
A7	0	2
A8	0	0
A9	0	0
A10	0	0
A11	0	0
A12	0	0
A13	0	0
A14	0	0
A15	0	0
A16	0	0
A17	0	0
A18	0	0
A19	0	0
A20	0	0

Fonte: Base de Dados da Pesquisa.

A partir dos resultados da pesquisa, observou-se a necessidade da criação de planejamentos educacionais individualizados com ênfase nas áreas mais deficitárias (Aprendizagem ao longo da vida, Proteção e defesa, Saúde e Segurança e Emprego) por do ensino de atividades funcionais, focando nas especificidades de cada aluno. Nesse sentido, vale lembrar que Zutião (2016) realizou um estudo em que somente uma área foi trabalhada (Vida Comunitária) e, após um ano de trabalho, a escala foi reaplicada e foram observados progressos em todas as outras áreas também. Lopes (2016) também realizou um estudo que trabalhou com alunos em nível universitário e, a Escala SIS foi aplicada três vezes, com intervalos de um ano a cada aplicação e, verificou-se mudança na intensidade de apoio, visto que foram realizadas intervenções com os alunos. Sendo assim, sugere-se que, a escola faça

um planejamento e implemente-o focando uma só atividade, da área em que o aluno apresenta maior intensidade de apoio e, que após o intervalo de um ano reaplique a escala, para verificar se houve mudança. Tal aplicação deve ocorrer com avaliações contínuas e, que o ensino e aprendizagem sejam feitos de forma funcional em ambiente natural (LEBLANC, 1992).

4.3 ORIENTAÇÕES PARA OS PLANEJAMENTOS DOS PROFESSORES COM BASE NOS RESULTADOS DA ESCALA SIS

A entrevista presencial pode auxiliar a pesquisadora conhecer melhor o aluno e seu professor, demonstrando assim se os dois tinham um bom relacionamento ou não, se o meio em que o aluno estava inserido era reforçador para que o aluno realizasse a atividade ou se reforçava para que o aluno não realizasse a atividade.

A interação entre o aluno e professor é de grande importância para que ocorra o processo de ensino aprendido, segundo LeBlanc (1992) quando as pessoas se sentem seguras, aprendem com mais facilidade.

Segundo Silva (2009) novas formas de aumentar o poder de assimilação do profissional devem ser criadas, e isso só se tornará possível por meio da reflexão.

Pensando nisso a autora acredita que o professor deve sempre estar em busca de novos modelos didáticos, tendo em mente que cada aluno é diferente e aprende de maneira distinta, pois muitas vezes o que funciona no processo de ensino-aprendizagem para um aluno, não irá funcionar para o outro (LOPES, s/d).

A participação das professoras durante toda a pesquisa foi de extrema importância para que a pesquisadora conseguisse analisar suas dúvidas, desejos a respeito do que ela acha que seja importante o aluno aprender, suas aflições em não saber como se trabalhar com alguns alunos, etc.

A Tabela 9 traz algumas considerações a serem levadas em conta para que a professora consiga elaborar e implantar um Planejamento Educacional Individualizado.

Segundo Tannús-Valadão (2010) o PEI é um registro de todos os conhecimentos e habilidades específicas do aluno. Ele deve permitir a identificação de repertório de partida, acompanhar a evolução e traçar metas.

A pesquisa demonstrou que cada aluno tem suas diferenças, seja no tipo de suporte, frequência ou tempo desse suporte, chegando a intensidades de suporte em diferentes áreas de cada um deles, ou seja, cada aluno tem suas peculiaridades, e isso se deve a cultura do aluno, ao que ele vivencia em sua família e comunidade.

Segundo Silva (2009):

O aprender é resultado de uma série de fatores que se relacionam com o conhecimento prévio, as ações e coordenações do sujeito, aspectos afetivos e sociais. Contudo, esse processo acontece em um indivíduo específico, com características próprias, que o constituem enquanto sujeito psicológico e, portanto, carregado de subjetividade. Assim sendo, o tempo da aprendizagem é um tempo do aluno, um tempo determinado por uma série de acontecimento sem um sujeito específico.

O processo de ensino deve ter como objetivo o desenvolvimento qualitativo do que se quer ser ensinado para cada aluno, fazendo-o se tornar gradativamente capaz de aprender os conteúdos, e não um aumento quantitativo somente para extensão deste (SILVA, 2009).

Destaca-se a importância de se avaliar para que ocorra a identificação das necessidades do aluno (ANACHE, 2002; THOMPSON, et al., 2004) para que se realize um planejamento educacional individualizado mais completo.

Nesse trabalho a avaliação inicial foi feita por meio da Escala – SIS, na qual pode se observar quais as atividades funcionais devem ser mais trabalhadas com cada aluno diante de suas necessidades de apoio.

É importante também salientar que a avaliação continua auxilia no acompanhamento da aprendizagem, podendo perceber se o planejamento do ensino em execução esta surtindo o efeito desejado, e se não estiver, dá a oportunidade de modifica-lo, assim como os materiais, para que o aluno tenha menos dependência em seus comportamentos (LEBLANC; 1992).

Uma das opções, que vem mostrando bons resultados na implementação do ensino a jovens e adultos com deficiência intelectual é o Currículo Funcional Natural - CFN, conhecido como foi descrito nos trabalhos de Zutião (2013; 2016), Boueri (2010; 2014), Silveira (2013) e Cuccovia (2003), por ser uma aprendizagem sem erros, ou seja, que o induz ao acerto e não o pune com o erro, dessa forma é papel do professor fazer com que o ambiente, o material e o planejamento sejam propicio para esse aluno (Leblanc (1992) e Suplino (2005)

O CFN também se mostra muito importante ,como já diz seu nome por ser uma forma funcional e o mais natural possível para o aluno.

As pesquisas de Zutião (2016) e Lopes (2016), foram muito importantes para que a pesquisadora pudesse ter referencias ao analisar os dados e ao final da pesquisa pode-se perceber que nos dois trabalhos e nessa pesquisa a área o qual os alunos tiveram maior necessidade de apoio, e altos níveis nesse suporte na área de Aprendizado ao Longo da vida.

Salienta-se que, nem sempre a área que aponta maior nível de apoio na Escala SIS, será alvo da intervenção. Um exemplo disso é o caso da aluna A1, a qual apresenta maior

intensidade de suporte na Parte A, ou seja, Atividade de Vida Doméstica. Ao analisar a seção 3A Condições Médicas, se nota que a aluna necessita de sonda para alimentação e utiliza cadeira de rodas para se locomover, pois não possui forças nos músculos e ossos. Então, ela sempre precisará de algum suporte, principalmente físico, para realizar atividades de vida doméstica, como por exemplo, tomar banho, cuidar da higiene pessoal, alimentar-se e, cuidar e limpar a casa.

Tendo em vista as quatro fases do PEI (TANNÚS-VALADÃO, 2010) e, como embasamento os princípios do Currículo Funcional Natural (LEBLANC, 1992), pensando no caso da aluna A1, em todas as suas especificidades e, o relato da professora, que destaca a dificuldade da aluna na realização de cálculos simples, pode ser trabalhado a questão do emprego, bem como de atividades acadêmicas funcionais, envolvidas na área de aprendizagem ao longo da vida. Com isso, foi pensado em ensinar a aluna a realizar cálculos simples, com o auxílio da tecnologia assistiva (computador, se necessário com adaptações em mouse e teclado). Pensando nas quatro fases, já se tem a parte de avaliação, então sugere que, nova aplicação da Escala SIS com pais ou familiares seja realizada, para ouvir a opinião e necessidade de apoio dela também em casa e, posteriormente com ambos os resultados das avaliações, a escrita do planejamento educacional individualizado, envolvendo a aluna, professores, família e outros profissionais que realizam atendimento à ela. Uma sugestão, é que, tais cálculos, sejam trabalhados de forma funcional e natural, na padaria da escola, por exemplo, de forma que a aluna tenha a oportunidade e aprenda os valores da mercadoria, reconheça notas e moedas do sistema monetário e, realize cálculos para receber e devolver o troco. Fichas demonstrativas, como as utilizadas por Zutião (2013), nas quais eram colados a figura da mercadoria e, seu valor em nota e/ou moeda em frente, podem auxiliá-la no começo. Tal auxílio pode ser retirado aos poucos, concomitante aos resultados da aluna.

Por fim é importante que o professor entenda que ele é tem o papel principal na aprendizagem do aluno com DI, pois este é o alicerce do relacionamento entre os dois, e mediador do conhecimento, assim ele deve saber analisar as necessidades de cada aluno e buscar soluções para que esse possa diminuir sua dependência (LOPES, s/d).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como é citado por Almeida (2013) e Zutião (2016), atualmente faltam instrumentos nacionais para avaliar comportamentos adaptativos de jovens e adultos com deficiência intelectual. É possível observar escolas e instituições utilizando testes psicométricos e de inteligência para observar o funcionamento intelectual e elaborar seu PEI. Por mais esse motivo podemos observar por meio da pesquisa a importância da Escala SIS para avaliar o comportamento adaptativo desses alunos, e através de seus resultados apontando o nível de apoio que os alunos necessitam, e podendo elaborar um PEI com foco no aluno e em suas reais necessidades.

Como salienta Boueri (2010); Silveira (2013); Zutião (2013); Boueri (2014) e; Zutião (2016) a falta de oportunidade faz com que esses alunos não façam atividades adaptativas, também exaltam a importância do PEI na aprendizagem dos comportamentos adaptativos, para que esses alunos tenham uma maior independência.

A AAIDD (2010); DSM-V (APA, 2014) traz novas as novas definições de DI estas deixam claro que a avaliação do comportamento adaptativo é considerada de grande importância para o diagnóstico e trabalho com as pessoas com DI.

Durante toda a pesquisa a instituição se mostrou muito solícita a todos os pedidos da pesquisadora, as responsáveis pela instituição sempre estavam à disposição para tirar dúvidas até mesmo durante suas férias.

Toda a equipe da instituição aparentava felicidade e satisfação em participar da pesquisa e os alunos sempre recebiam a pesquisadora com muita alegria, o que fez com que a pesquisadora se sentisse muito a vontade para conversar e conhecer melhor os participantes da pesquisa.

O fato da escala não ser muito extensa, facilita para que o aluno não se disperse ou perca a paciência durante a aplicação.

A pesquisadora encontrou dificuldade na aplicação da Escala SIS e, em todas as coletas utilizou o manual do usuário, o qual ficava ao seu lado, como auxílio. A dificuldade maior, era a questão de explicar e exemplificar ao que se referia cada uma das atividades e, como deveriam ser respondidas as três medidas, de frequência, tempo diário de apoio e tipo de apoio. Por exemplo, houve confusão quanto ao conceito de que, se ele não realiza e precisa de apoio, o correto é anotar algum tipo de apoio (1-4) e, não 0, ou seja, quanto maior o número, mais intensidade de apoio. Tendo em vista a necessidade de uma primeira coleta para familiarização com a escala e forma de aplicação, discussão com a equipe de validação da

escala e, nova aplicação, sugere-se que, o manual traga um maior delineamento de como aplicar a escala, bem como, exemplos de cada atividade para os aplicadores, relacionados a realidade brasileira. Outra sugestão, é que seja disponibilizada uma vídeo aula online para explicação e/ou sejam realizados reuniões com a equipe do instrumento, de forma online ou presencial.

A pesquisadora percebeu que havia uma grande dificuldade ainda a ser enfrentada em relação aos responsáveis e professores, que em certas situações realizavam a atividade pelo aluno, situação também observada nos estudos de Zutião (2013); Boueri (2014) e Zutião (2016). Tais pesquisas, também demonstraram a aprendizagem dos participantes (jovens/adultos com DI; professores e atendentes) em pouco tempo de intervenção, o que salienta a importância de se criar oportunidades de aprendizagem com o fornecimento de níveis de suporte adequado.

Sugere-se que sejam feitas novas pesquisas dando sequência a esta, nas quais intervenções sejam planejadas e implementadas, por meio dos resultados da Escala SIS e, que esta seja uma medida de avaliação aplicada de forma pontual, com espaçamento de no mínimo um ano, para verificar a aprendizagem dos alunos, como as realizadas por Zutião (2016) e Lopes (2016). Outra sugestão, é que essas pesquisas criem programas que visem o ensino de habilidades referentes a área de “Aprendizagem ao Longo da Vida”, as quais os alunos dessa pesquisa demonstraram maior intensidade de apoio. Tais pesquisas, poderiam inclusive, ter os alunos dessa, como participantes.

Finalizando a presente pesquisa, a autora pode observar a extrema importância da validação e aplicação da Escala de Intensidade de Suporte – SIS para que haja uma melhor análise diante das necessidades de apoio a jovens e adultos com Deficiência intelectual, através dessa avaliação resultante da Escala SIS, o Planejamento Educacional Individualizado focado no aluno e tendo como facilitador do ensino o Currículo Funcional Natural.

REFERÊNCIAS

AAIDD, **Intellectual Disability: Definition, Classification, and Systems of Supports** 11^o edition 2010.

ALBERNAZ, L.D.; BARROS, R.S.; CASTRO, M.S.; RODRIGUES, S.R.; FERNANDES, E.M. **Um Estudo sobre Avaliação de Jovens e Adultos com Deficiência Intelectual a partir do Enfoque da Funcionalidade**. Anais do VIII Encontro da Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial. Londrina, PR, 2013. P. 2100-2113

ALMEIDA, M.A. **Apresentação e análise das definições de deficiência mental proposta pela AAMR – Associação Americana de Retardo Mental de 1908 a 2002**. Revista de Educação. PUC – Campinas, Campinas, n.6, p. 33-48, 2004.

_____. **Projeto: Adaptação e Validação da Escala de Intensidade de Suporte – SIS para o Brasil: uma contribuição para avaliação funcional de jovens e adultos com deficiência intelectual**. Financiamento CNPq - Processo: 409129/2013-5. Chamada: 43/2013 - Ciências Humanas, Sociais e Sociais Aplicadas.

American Psychiatric Association (APA). **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-IV TR**. Porto Alegre: ArtMed, 1995.

American Psychiatric Association (APA). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-V**. Porto Alegre: ArtMed, 2014

ANACHE, A. A. **Reflexões sobre o Diagnóstico Psicológico Da Deficiência Mental Utilizado em Educação Especial**. In: Reunião Anual da ANPED, 24, 2002. Anais da 24^a Reunião Anual da ANPED, 2002

Bernardi, E. E.; Glat, R.; Pilger, J. R.; Fernando Neto, E. **Manual Nacional de Autogestão, Autodefensoria e Família**. Brasília: Federação Nacional das APAEs. 2015

BOUERI, I. Z. **Efeitos de um programa educacional para atendentes visando à independência de jovens com deficiência intelectual institucionalizados**. 210 f.

Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação Especial. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2010.

BOUERI, I. Z. A institucionalização da pessoa com deficiência intelectual e os efeitos de um programa educacional. 183f. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação Especial. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2014.

BUENO, J. G. S. Educação especial brasileira: integração/segregação do aluno diferente. 2. ed. São Paulo: EDUC, 2004.

CIRILO, M. A. Deficiência mental e discurso pedagógico contemporâneo. 2008. 98 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, 2008

CUCCOVIA, M.M. Análise de Procedimentos para Avaliação de Interesses Baseado em um Currículo Funcional Natural e seus Efeitos no Funcionamento Geral de Indivíduos com Deficiência Mental e Autismo. Dissertação de mestrado apresentada ao programa de pós-graduação em Educação Especial. Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2003

EUROPEAN AGENCY. Análise das Candidaturas ao Apoio SOCRATES em Termos da Qualidade de Intenção e Referência às Necessidades Educativas Especiais (NEE), 2003.

LEBLANC, J. M. El Currículum Funcional en la educación de la persona con retardo mental. Trabalho apresentado na ASPANDEM, Mallagra, España, 1992

LOPES, B. J. S. Transition program to adult life of young people with intellectual disability in the university environment. Doctoral thesis. Post-Graduate Program in Special Education. Federal University of São Carlos, São Carlos, 2016.

LOPES, R. de C. S. A relação professor aluno e o processo ensino aprendizagem. Disponível em: www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1534-8-pdf. Acessado em 31 de janeiro de 2017. Sem data de publicação.

KEYES, M. W e OWENS-JOHNSON, L.. **Developing Person Centered IEPs**. In: *Intervention in School and Clinic* vol. 38, no. 3, january 2003 pp. 145–152.

PAN, M. **O direito à diferença**: uma reflexão sobre deficiência intelectual e educação inclusiva. Curitiba: IBPEX, 2008.

PESSOTI, I. **Deficiência mental**: da superstição à ciência. São Paulo: T.A. Queiroz, 1984.

SILVA, J.A. **O Sujeito Psicológico e o Tempo da Aprendizagem**. Cadernos de Educação. Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2009, p. 229-250

SILVEIRA, A.D. **Programa de Capacitação de Cuidadores para o Ensino de Habilidades Ocupacionais a um Adulto com Deficiência Intelectual**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Educação Especial. Universidade Federal de São Carlos, 2013. 219 f.

SUPLINO, M. **Currículo Funcional Natural**: guia prático para a educação na área de autismo e deficiência mental. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, Coordenadoria Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência; Maceió: ASSISTA, 2005.

TANNÚS-VALADÃO, G.. **Planejamento educacional individualizado: propostas oficiais dos Estados Unidos, França, Itália e Espanha**. (Dissertação) Programa de Pós-graduação em Educação Especial, UFSCar, São Carlos –SP, 2010

THOMPSON, J.R.; BRYANT, B.R.; CAMPBELL, E.M.; CRAIG, E.M.; HIGHERS, C.M.; ROTHOLZ, D.A.; SCHALOCK, R.L.; SILVERMAN, W.P.; TASSÉ, M.J.; WEHMEYER, M.L. **Supports Intensity Scale**. Washington, United States of America: American Association on Intellectual and Developmental Disabilities, 2004.

ZUTIÃO, P. **Utilização do Currículo Funcional Natural visando independência de jovens e adultos com deficiência intelectual**. 124 f. Monografia de graduação. Curso de Licenciatura em Educação Especial. Universidade Federal de São Carlos, 2013.

ZUTIÃO, P. **Programa “Vida na Comunidade” para Familiares de Jovens com Deficiência Intelectual.** 179 f. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação Especial. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2016.

ANEXOS

Anexo 1: Carta de consentimento livre e esclarecido a instituição.

CARTA DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

À instituição _____

Eu, _____, juntamente com um grupo de professores e alunos de pós-graduação estamos realizando um trabalho de validação de um instrumento padronizado que visa avaliar a intensidade de apoios necessários no dia a dia da pessoa com deficiência intelectual. Esta pesquisa tem seu núcleo na Universidade Federal de São Carlos e está sob supervisão da Prof. Dra. Maria Amélia Almeida, vinculada ao Laboratório de Currículo Funcional da universidade.

Este trabalho tem como objetivo a validação da Escala de Intensidade de Apoios (SIS – *Support Intensity Scale*) na cultura brasileira. A SIS é uma escala de avaliação dos níveis de apoio necessários no dia a dia da pessoa com deficiência intelectual e abrange as seguintes áreas: atividade de vida diária, atividades da vida em comunidade, atividades de aprendizagem ao longo da vida, atividades de emprego, atividades de saúde e segurança, atividades sociais e atividades de proteção e defesa. Para saber como se dá o desenvolvimento da pessoa com deficiência intelectual em cada uma das áreas que a SIS aborda serão apresentadas inúmeras atividades e será questionado qual a frequência que é necessária para cada atividade, quanto tempo deve ser proporcionado o apoio para a realização da atividade e qual o tipo de apoio é necessário ser proporcionado.

Para fins de conhecimento da instituição para realização da aplicação da SIS será aplicada uma entrevista com um dos pais ou responsáveis ou professor ou cuidador (que esteja em contato com a pessoa com deficiência no mínimo há três meses) e a pessoa com deficiência intelectual. A partir da entrevista o pesquisador irá preencher a SIS. O tempo expandido com a entrevista é de aproximadamente de 1 hora e 30 minutos.

A instituição pela qual você responde como responsável está sendo convidada a participar da pesquisa por desenvolver trabalhos e oferecer serviços de atendimento a pessoas com deficiência intelectual. Importante lembrar que a sua aceitação para desenvolvimento da pesquisa nas dependências da instituição não é obrigatória e a qualquer momento a instituição pode desistir de participar e retirar o consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a Universidade Federal de São Carlos. Salienta-se que a participação da pessoa com deficiência intelectual, assim como o acesso aos prontuários desta população está condicionada ao consentimento dos pais ou responsáveis. O próprio indivíduo com deficiência intelectual também deverá assentir acerca da sua participação na pesquisa. O pesquisador terá acesso aos prontuários dos jovens e adultos com deficiência intelectual e realização das entrevistas somente após a assinatura do consentimento pelos pais ou responsáveis.

Garantimos que o procedimento não causará nenhum dano à integridade da instituição. A identificação tanto da instituição quanto de dos participantes serão mantidas sob sigilo. Poderá haver algum desagrado em certos momentos em relação à ocupação de uma sala nas dependências da instituição e também em relação ao tempo despendido para as entrevistas. Se necessário o agendamento das entrevistas poderá ser reorganizado em função das demandas da instituição.

A participação da instituição auxiliará no desenvolvimento da pesquisa e na obtenção de dados que serão utilizados para fins científicos de validação da escala, além de proporcionar maiores informações sobre o perfil de jovens e adultos com deficiência intelectual. Tais informações trarão benefícios para a área de Educação Especial e avaliação dessa população, uma vez que propiciará um levantamento das necessidades de apoios necessários auxiliando a instituição na elaboração de planos de intervenção com a finalidade de tornar jovens e adultos com deficiência intelectual mais independentes.

Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço dos pesquisadores envolvidos, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento. Qualquer gasto eventual por parte da instituição para o desenvolvimento da pesquisa será ressarcido.

RG:
Telefone:


Prof. Dra. Maria Amélia Almeida
RG: 865599-5 SSP – PR
Telefone: 016 – 3351-9358

Eu, _____ portador do RG _____ autorizo a execução das atividades referentes à pesquisa para validação da SIS, nas dependências da instituição _____, pela qual assino como responsável. Também autorizo, diante de consentimento dos pais ou responsáveis, acesso do pesquisador aos prontuários dos jovens e adultos com deficiência intelectual participantes.

Declaro estar ciente de que o trabalho será desenvolvido no segundo semestre de 2013 e primeiro semestre de 2014. Também declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de participação da instituição na pesquisa. O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP – Brasil. Fone (16) 3351-8110. Endereço eletrônico: cephumanos@power.ufscar.br.

Assinatura do responsável

_____ de _____ de 201__
Local dia mês ano

Anexo 2: : Carta de consentimento livre e esclarecido aos professores.

CARTA DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Ao respondente (pais ou responsáveis legais, professores, cuidadores)

Eu, _____, juntamente com um grupo de professores e alunos de pós-graduação estamos realizando um trabalho de validação de um instrumento padronizado que visa avaliar a intensidade de apoios necessários no dia a dia da pessoa com deficiência intelectual. Esta pesquisa tem seu núcleo na Universidade Federal de São Carlos e está sob supervisão da Prof. Dra. Maria Amélia Almeida, vinculada ao Laboratório de Currículo Funcional da universidade.

Este trabalho tem como objetivo a validação da Escala de Intensidade de Apoios (SIS – *Support Intensity Scale*) na cultura brasileira. A SIS é uma escala de avaliação dos níveis de apoio necessários no dia a dia da pessoa com deficiência intelectual e abrange as seguintes áreas: atividade de vida diária, atividades da vida em comunidade, atividades de aprendizagem ao longo da vida, atividades de emprego, atividades de saúde e segurança, atividades sociais e atividades de proteção e defesa. Para saber como se dá o desenvolvimento da pessoa com deficiência intelectual em cada uma das áreas que a SIS aborda serão apresentadas inúmeras atividades e será questionado qual a frequência que é necessária para cada atividade, quanto tempo deve ser proporcionado o apoio para a realização da atividade e qual o tipo de apoio é necessário ser proporcionado.

Para a realização da aplicação da SIS será realizada uma entrevista com um dos pais ou responsáveis (que esteja em contato com a pessoa com deficiência no mínimo há três meses) ou professores ou cuidadores e a pessoa com deficiência intelectual. A partir da entrevista o pesquisador irá preencher a SIS. O tempo expendido com a entrevista poderá variar de 1 hora a 1 hora e 30 minutos.

Você está sendo convidado a participar da pesquisa por ser um dos pais ou responsáveis ou professor ou cuidador pela pessoa com deficiência intelectual. Importante lembrar que a sua participação não é obrigatória e a qualquer momento pode desistir de participar e retirar o consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição.

O procedimento poderá causar desconforto aos participantes em alguns momentos, principalmente com relação ao tempo despendido para as entrevistas. Também algumas perguntas poderão gerar constrangimento, frustrações e emoções relacionadas à história de vida dos participantes. Se necessário será realizada uma pausa na aplicação da entrevista, sendo retomada em outro momento mais conveniente, a critério do participante. Entretanto, se o mesmo desejar, sua participação na pesquisa poderá ser encerrada sem questionamentos por parte do pesquisador.

A aplicação da entrevista auxiliará no desenvolvimento e na obtenção de dados que serão utilizados para fins científicos proporcionando maiores informações e discussões que trarão benefícios para a área de Educação Especial e avaliação da pessoa com deficiência intelectual.

Os resultados propiciarão um levantamento das principais necessidades de apoio demandadas pelos jovens ou adultos com deficiência intelectual. A partir das demandas apresentadas na entrevista, será possível a elaboração e o aprimoramento de programas a serem desenvolvidos pela instituição, que proporcionarão a melhoria do atendimento prestado a essa população ampliando assim a sua autonomia e participação ativa na sociedade.

Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço dos pesquisadores envolvidos, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento. Qualquer gasto eventual por parte do participante para o desenvolvimento da pesquisa será ressarcido.

RG:
Telefone:


Prof. Dra. Maria Amélia Almeida
RG: 865599-5 SSP – PR
Telefone: 016 – 3351-9358

Eu, _____ portador do RG _____, aceito participar da pesquisa de validação da Escala de Suporte e Intensidade de apoio SIS. Também declaro estar ciente de que minha participação é voluntária, podendo ser solicitado o desligamento a qualquer momento e que a minha identidade será preservada. Alego que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa. O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP – Brasil. Fone (16) 3351-8110. Endereço eletrônico: cephumanos@power.ufscar.br.

Assinatura do respondente

_____ de _____ de 201____
Local dia mês ano

Anexo 3 : Carta de consentimento livre e esclarecido aos familiares.

CARTA DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Aos pais / responsáveis legais pela pessoa com deficiência intelectual,

Eu, _____, juntamente com um grupo de professores e alunos de pós-graduação estamos realizando um trabalho de validação de um instrumento padronizado que visa avaliar a intensidade de apoios necessários no dia a dia da pessoa com deficiência intelectual. Esta pesquisa tem seu núcleo na Universidade Federal de São Carlos e está sob supervisão da Prof. Dra. Maria Amélia Almeida, vinculada ao Laboratório de Currículo Funcional da universidade.

Este trabalho tem como objetivo a validação da Escala de Intensidade de Apoios (SIS – *Support Intensity Scale*) na cultura brasileira. A SIS é uma escala de avaliação dos níveis de apoio necessários no dia a dia da pessoa com deficiência intelectual e abrange as seguintes áreas: atividade de vida diária, atividades da vida em comunidade, atividades de aprendizagem ao longo da vida, atividades de emprego, atividades de saúde e segurança, atividades sociais e atividades de proteção e defesa. Para saber como se dá o desenvolvimento da pessoa com deficiência intelectual em cada uma das áreas que a SIS aborda serão apresentadas inúmeras atividades e será questionado qual a frequência que é necessária para cada atividade, quanto tempo deve ser proporcionado o apoio para a realização da atividade e qual o tipo de apoio é necessário ser proporcionado.

Para a realização da aplicação da SIS será realizada uma entrevista com um dos pais ou responsáveis legais ou professores ou cuidadores (que esteja em contato com a pessoa com deficiência no mínimo há três meses) e a pessoa com deficiência intelectual. A partir da entrevista o pesquisador irá preencher a SIS. O tempo expandido com a entrevista poderá variar de 1 hora a 1 hora e 30 minutos.

O jovem ou adulto com deficiência intelectual que está sob sua responsabilidade está sendo convidado a participar da pesquisa por ter idade superior a 16 anos. Importante lembrar que a participação do jovem ou adulto não é obrigatória e a qualquer momento você poderá retirar o consentimento. Salienta-se que a participação da pessoa com deficiência intelectual somente poderá ocorrer diante de seu assentimento. O pesquisador acessará os prontuários dos jovens e adultos com deficiência intelectual para completar as informações necessárias sobre os participantes.

O procedimento poderá causar desconforto aos participantes em alguns momentos, principalmente com relação ao tempo despendido para as entrevistas. Algumas perguntas também poderão gerar constrangimento, frustrações e outras emoções relacionadas à história de vida dos participantes. Se necessário será realizada uma pausa na aplicação da entrevista, sendo retomada em outro momento mais conveniente, a critério do participante. Entretanto, se o mesmo desejar, sua participação na pesquisa poderá ser encerrada sem questionamentos por parte do pesquisador.

A aplicação da entrevista auxiliará no desenvolvimento e na obtenção de dados que serão utilizados para fins científicos proporcionando maiores informações e discussões que trarão benefícios para a área de Educação Especial e avaliação da pessoa com deficiência intelectual.

Os resultados propiciarão um levantamento das principais necessidades de apoio demandadas pelos jovens ou adultos com deficiência intelectual. A partir das demandas apresentadas será possível a elaboração e o aprimoramento de programas, por parte da instituição, que proporcionarão a melhoria do atendimento prestado a essa população, ampliando assim a sua autonomia e participação ativa na sociedade.

Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço dos pesquisadores envolvidos, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento. Qualquer gasto eventual por parte do participante para o desenvolvimento da pesquisa será ressarcido.


Prof. Dra. Maria Amélia Almeida
RG: 865599-5 SSP – PR
Telefone: 016 – 3351-9358

Eu, _____ portador do RG _____, autorizo a participação de _____ portador do RG _____, na pesquisa para validação da SIS.

Declaro consentir a consulta aos prontuários e também declaro estar ciente de que a participação dele(a) na pesquisa é voluntária, podendo ser solicitado o desligamento a qualquer momento e que a identidade dele(a) será preservada. Alego que entendi os objetivos, riscos e benefícios da participação na pesquisa. O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP – Brasil. Fone (16) 3351-8110. Endereço eletrônico: cephumanos@power.ufscar.br.

Assinatura dos pais / responsáveis legais _____ de _____ de 201__
Local _____ dia _____ mês _____
ano _____

Anexo 4: : Carta de consentimento livre e esclarecido ao aluno com Deficiência Intelectual.

TERMO DE ASSENTIMENTO

O termo de assentimento não elimina a necessidade de fazer o termo de consentimento livre e esclarecido que deve ser assinado pelo responsável ou representante legal do menor.

Ao aluno,

Você está sendo convidado para participar da pesquisa “Adaptação e validação da Escala de Intensidade de Suporte – SIS para o Brasil: Uma contribuição para avaliação funcional de jovens e adultos com deficiência intelectual”. Seus pais ou responsável legal permitiram que você participasse.

Com este trabalho, nós vamos querer saber como você realiza as várias atividades do seu dia a dia, quantas vezes por dia você realiza cada uma delas, e o quanto de tempo e ajuda que você precisa para realizar essas atividades.

Você não precisa participar da pesquisa se não quiser, é um direito seu e não terá nenhum problema se desistir.

A pesquisa será feita aqui na escola, onde outros colegas seus também responderão essas mesmas perguntas. Para isso, será usada uma entrevista. Pode ser que você se canse e fique com vergonha para responder algumas perguntas. Se você não souber ou não quiser responder alguma pergunta, não terá problema. Se você tiver alguma dúvida e se acontecer algum problema relacionado com as perguntas feitas, você pode procurar a professora Maria Amélia Almeida pelo telefone (16) 3351-9358.

Mas há coisas boas que podem acontecer. Vamos conhecer o que você sabe fazer e também as suas necessidades para que sejam criados programas que ajudem você e seus colegas nas atividades do seu dia a dia.

Você e seus pais não gastarão e nem receberão dinheiro para participar da pesquisa.

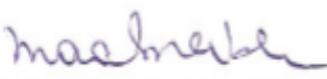
Ninguém saberá que você está participando da pesquisa, não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa vão ser divulgados, mas sem identificar quem participou.

Eu _____ aceito participar da pesquisa “Adaptação e validação da Escala de Intensidade de Suporte – SIS para o Brasil: Uma contribuição para avaliação funcional de jovens e adultos com deficiência intelectual”. Entendi as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer. Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir que não vai ter problema. Os pesquisadores tiraram minhas dúvidas e conversaram com os meus responsáveis.

Recebi uma cópia deste termo de assentimento, entendi e concordo em participar da pesquisa.

São Carlos, ____ de _____ de _____.

Assinatura do aluno



Prof. Dra. Maria Amélia Almeida

Telefone: 016 – 3351-9358